

revista **SILFO**
eletrônica

AUTORES UBERABENSES
PAULO VICENTE DE SOUSA LIMA
CONTOS E VISUAIS



UBERABA/BRASIL
3º QUADRIMESTRE
2024
ANO II

Nº 6

EDITOR
GUIDO BILHARINHO
EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA
GABRIELA RESENDE FREIRE

SILFO 6

SUMÁRIO

EDITORIAL

Paulo Lima e Sua Performance 3

O AUTOR

Biografia 5

Referências e Homenagens 20

Documentário Fotográfico 34

A OBRA

Horror e Beleza 38

Guerra/Paz 40

Guerra/Paz é Um Livro Feito de Sensibilidade,
Para Quem Tem Sensibilidade 41

TEXTOS

Contos 43

Artigo e Entrevista 50

Visuais e Desenhos 60

INDICAÇÕES

Os Rodrigues da Cunha 84

Artigos e Notas 85

Notas Preliminares dos Livros Sobre Cinema 86

Blogs Culturais 87

TIRAGEM (E-Mail e WhatsApp)

10.600 exemplares

NOS BLOGS

<https://revistasilfo.blogspot.com/>
<https://revistasilfo.wordpress.com/>

E-MAIL

guidobilharinho@yahoo.com.br

**“O PROVINCIANISMO NÃO É LUGAR GEOGRÁFICO,
É ESTADO DE ESPIRITO” – AUTOR IGNORADO**

Editorial

PAULO LIMA E SUA PERFORMANCE

Paulo Lima escreveu poucos contos, mas, muito bons, principalmente, “Primeiro: Amar”. Praticamente não escreveu artigos, porém, o que dedicou à pintura de Hélivio Fantato é primor de síntese crítica e percepção artística.

O seu forte, no entanto, a que se dedicou com assiduidade e certo empenho, foram os visuais e os desenhos, diversos deles o que de melhor se fez no Brasil no gênero. A quase totalidade, contudo, permanecida inédita, desconhecida.

Não só isso. Sua presença, atuação e participação no meio cultural de Uberaba no decorrer da década de 1960 foi tão relevante que lhe imprimiu definitivamente as características de independência, crítica e inventividade.

A partir dele, e daí, a arte e a cultura em Uberaba atingiram grau superior de seriedade, atualidade e impulso criador que posicionou a cidade (já portadora de larga tradição

cultural) como um dos polos mais ativos e criativos do país, concretizado numa série de obras e periódicos culturais.

*

O presente número de Silfo procura resgatar sua produção artística e sua atuação, publicando exemplares de suas obras e registrando por meio de depoimentos e dados biográficos sua ativa participação cultural na cidade.

O Editor

O Autor

PAULO SOUSA LIMA
A Lucidez Intelectual

Guido Bilharinho

Formação



Paulo Vicente de Sousa Lima nasceu na cidade de Sacramento, na região do Triângulo, em 1927, falecendo em Brasília em 2006.

Cursou e concluiu o antigo curso primário em Sacramento, o ginásial no colégio Marista Diocesano de Uberaba, o colegial em São Paulo, diplomando-se em Ciências Contábeis e Atuariais em Belo Horizonte na faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, possivelmente a única, na ocasião, a oferecer no Brasil o curso de Ciências Atuariais. Na capital mineira ainda permaneceu por um ano, lecionando na faculdade pela qual se diplomou.

Pertenceu, quando estudante em São Paulo e Belo Horizonte, ao grupo Polígono, composto de estudantes uberabenses nessas cidades e destinado a estudos e debates de problemas contemporâneos.

Atividades Profissionais Em Uberaba

Comércio

Em 1950 estabeleceu-se em Uberaba, dedicando-se à administração das fazendas e loteamentos da família, fundando em 1959 e dirigindo a Companhia Mercantil Rio Grande, localizada no quinto quarteirão da rua Artur Machado, no antigo nº 118, especializada no comércio de roupas e perfumarias, à frente da qual ficou até 1970, quando transferiu sua residência para Belo Horizonte.

Na qualidade de comerciante participou, em 1952, da União das Associações e Sindicatos de Uberaba – Unasba. Nela, juntamente com, entre outros, padre Antônio Tomás Fialho, Joaquim Prata dos Santos, Helmuth Dornfeld, Santos Guido, Ronaldo Cunha Campos, Aurélio Luís da Costa e José Batista de Carvalho, trabalhou para instalar em Uberaba as Centrais Elétricas de Minas Gerais – Cemig.

Magistério

A partir de março de 1961 até fevereiro de 1969, Paulo Lima ministrou aulas de economia na faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro, sediada em Uberaba.

Faculdade de Ciências Econômicas

Em 01 de janeiro de 1966 decreto federal autorizou o funcionamento da faculdade de Ciências Econômicas, fundada pela Associação Comercial e Industrial de Uberaba por sugestão de Paulo Lima. *“Coube ao economista e empresário Paulo Vicente de Sousa Lima o mérito de lançar em terreno fértil a ideia da criação da faculdade”* (José Mousinho, “Uma Obra Construída Com Carinho e Determinação”, in *ACIU – 70 Anos*, Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, 1993).

Além disso, Paulo organizou sua estrutura técnico-administrativa e a grade curricular, mas, por motivos ideológicos, brandidos pela ala mais conservadora–udenista da entidade, nela foi impedido de lecionar.

Atividades Culturais em Uberaba

Desempenho

Coincidindo com a efervescência cultural de Uberaba no início da década de 1960, dela constituindo um dos elementos

impulsionadores, Paulo Lima desempenhou na cidade em toda essa década saliente papel na criação e apoio a entidades culturais, às quais, como diretor ou incentivador, imprimiu diretrizes administrativas e orientações culturais e artísticas de criatividade e vanguarda, propiciando tornar Uberaba nessa época e daí em diante um dos polos mais avançados de ação e criação artística do país, como demonstrado no livro *A Poesia em Uberaba – Do Modernismo à Vanguarda*.

A ação multiforme de Paulo Lima nesses anos abrangeu variada gama de áreas culturais, principalmente cinema, teatro, artes plásticas e literatura.

Influência

A respeito da influência que exerceu e o papel cultural catalisador da sede de curiosidade de juventude ávida de conhecimentos e desprovida nos cursos regulares de ensino de informações artístico-culturais básicas, depõe o escritor Jorge Alberto Nabut:

“Foi na casa de Paulo Vicente Sousa Lima que, pela primeira vez na vida, ouvimos as Bachianas número 5, de Villa-Lobos, necessariamente com Vitória de los Angeles. Também lá ouvíamos os originais dos então esquecidos Noel Rosa e Ataulfo Alves, a voz afetiva de Nara Leão, o timbre rascante de Joan Baez.

Foi na casa de Paulo Vicente Sousa Lima que, pela primeira vez na vida, ouvimos falar de Godard, que ele tanto admirava; de Fellini, Antonioni, Buñuel, Visconti, Gláuber.

Foi na casa de Paulo Vicente Sousa Lima que, pela primeira vez na vida, vimos as fotografias do Desemboque, duas delas na parede, como janelas abertas a provocar visita e conhecimento do arraial primevo do Sertão da Farinha Podre.

Foi na casa de Paulo Vicente Sousa Lima que, pela primeira vez na vida, vimos os móveis da Arredamento e a discreta mobília eduardiana, herança de família, estilos repassados como conhecimento; assim como as primeiras noções de arquitetura colonial e contemporânea, de arte eclética, art nouveau, art déco, design escandinavo...

Foi na casa de Paulo Vicente Sousa Lima que, pela primeira vez na vida, tivemos noções de astronomia, pois que nas noites limpas de inverno ele nos levava envoltos em cobertores, na sua perua Kombi, a desvendar a geografia dos astros e estrelas da incontida Via Láctea. Paulo Lima nos estendia, então, o grande arco da existência a ser desvendada.

Foi Paulo Vicente Sousa Lima quem nos levou a conhecer as ladeiras patinadas de lodo de Ouro Preto e a apreciar os contornos incontidos e criativos do barroco mineiro e, em contrapartida, a Batatais e Brodowski na descoberta dos painéis parietais de Cândido Portinari.

Foi Paulo Vicente Sousa Lima quem nos levou a abrir novos livros, a desvendar novas lições de arte, ciência, vida, a

praticar novas ações, legando-nos, a cada um, o mote apropriado da existência, a herança das coisas.”

(JORGE ALBERTO NABUT, “Paulo Lima e a Herança das Coisas”, *Jornal da Manhã*, 29 junho 2014)

Casa de Artes e Ofícios

Por essas mesmas razões, o arquiteto e decorador Demilton Dib fundou a Casa de Artes e Ofícios Paulo Sousa Lima e a instalou em 2014 em esplêndido casarão de sua propriedade situado na praça Comendador Quintino.

Cine Clube de Uberaba

Sob sua direção e permanente empenho, fundou-se em agosto de 1962 o Cine Clube de Uberaba, com diretoria composta por ele, Lincoln Borges de Carvalho, José Sexto Batista de Andrade, Clarkson de Castro Silva e Guido Bilharinho.

Desde então e nos anos seguintes, o Cine Clube desenvolveu intensa atividade com projeções de filmes emprestados da Cinemateca Brasileira de São Paulo ou alugados a empresas especializadas, como a Mesbla e a Fotótica, em sessões cinematográficas antecedidas da apresentação da obra do diretor do filme, seguidas de debates.

Além dessa função básica dos cineclubes, promoveram-se cursos de cinema e palestras em faculdades e colégios sobre essa arte, publicou-se mensalmente no *Correio Católico* a Bolsa de

Cinema, com classificação qualitativa de filmes lançados na cidade no circuito de cinemas, e organizou-se anualmente a Seleção dos Melhores Filmes do Ano, divulgada na imprensa local durante catorze anos, cujas listagens foram cronologicamente (de 1962 a 1975) publicadas na revista *Convergência*, ano VI, nº 07, de 1976, e, depois (de 1962 a 1981) no livro físico *Informação Sobre Uberaba* (de 2016), de nossa autoria.

Teatro

Na área teatral, Paulo Lima, além de sua presença em todas as apresentações, colaborou e incentivou, juntamente com os demais diretores do Cine Clube, com realce para José Sexto Batista de Andrade, os ativos grupos teatrais formados na cidade na década de 1960, Núcleo Artístico de Teatro Amador – NATA e Teatro Experimental de Uberaba – TEU.

Fotografia

Paulo Lima, secundado pelos demais diretores do Cine Clube, deu decidido apoio ao Foto Clube de Uberaba, fundado em 1962.

Imprensa Cultural

Nos periódicos culturais editados na cidade em fins da década de 1960 e na década seguinte (*Suplemento Cultural do Correio Católico* e revista *Convergência*), Paulo não só colaborou

com contos, artigos e visuais, como criou o logotipo do referido suplemento, colaboração que manteve mesmo após sua transferência para Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Outras Atividades

Paulo Lima integrou inúmeras vezes júris de festivais de teatro, de música popular e de exposições de artes plásticas, nessa última área impulsionando e dando decidido apoio, juntamente com José Sexto Batista de Andrade e Jorge Alberto Nabut, à atividade pictórica de Hélyvio Fantato.

Importância e Significado de sua Atuação

Não só pelas atividades e participação ativa no contexto social e cultural de Uberaba que nele se destacou Paulo Lima. É que, além disso, aduzido a isso, mercê de sua lucidez, independência, senso crítico, sofisticação intelectual e desprendimento intelectual, essas atividades e essa participação marcaram-se por permanente sentido construtivo, criativo e vanguardista extremamente positivo.

Dele afirmou Joaquim Borges, em nota inserida na antologia de contos *Ponta de Lança* que organizou:

“Tem diversificado sua atuação literária com a luta pela sobrevivência, seja exercendo importantes cargos como técnico da área econômica em secretarias de Estado e empresas estatais e no magistério universitário, onde tem se destacado

pela sua competência e visão aberta da escola. O título de intelectual, discutido por medalhões medíocres, que nem sequer entendem seu significado, assenta em Paulo Lima em caráter permanente e irrevogável, visto sua posição ampliada da realidade que nos cerca e sua visão crítica das instituições e dos valores de nossa civilização.”

Atividades Profissionais em Belo Horizonte e Rio de Janeiro

Belo Horizonte

Nessa cidade prestou serviços na fundação João Pinheiro como economista (de junho/1971 a outubro/1973), no Tesouro Estadual como subdiretor (a partir de maio/1973), na filial da Cia. Federal de Processamento de Dados como técnico contábil (de novembro/1973 a abril/1974).

Rio de Janeiro

A convite do ex-secretário estadual de Finanças Fernando Antônio Roquette Reis, na ocasião eleito presidente da Cia. Vale do Rio Doce, transferiu-se para o Rio de Janeiro para trabalhar na referida companhia como técnico superior de economia e finanças no cargo de Assistente Geral (de abril/1974 a dezembro/1974), como Superintendente Geral de Finanças (de janeiro/1975 a março/1977) e como Diretor Executivo (desde sua

eleição em assembleia de abril/1977), licenciando-se em novembro/1978 e se desligando da Cia. em novembro/1980.

Contratado pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, nela ocupou o cargo de Superintendente Geral Adjunto (de setembro/1979 a setembro/1981), a partir de quando passou a trabalhar na Bolsa Brasileira de Futuros no cargo de Superintendente Administrativo (de julho/1984 a julho/1985).

No Rio de Janeiro ainda residiu até dezembro 1998, trabalhando por conta própria no mercado de ações.

Brasília

Já aposentado, mudou-se para Brasília, onde moravam quatro de suas oito filhas.

Obras

Livro

Guerra/Paz – (Uberaba, Instituto Triangulino de Cultura, 2008).

Paulo Lima em *Guerra/Paz*, como escrevemos sob o título “Horror e Beleza” na introdução à obra, elegeu esse motivo, como poderia ter elegido qualquer outro. Porém, como contemporâneo, na juventude, do maior conflito bélico da História, a Segunda Guerra Mundial, e, daí em diante, na maturidade, convivendo com a Guerra Fria, a ameaça atômica e

acompanhando guerras regionais de largas proporções e influências (as dos Estados Unidos contra a Coreia e o Vietnã, por exemplo), a questão haveria de preocupá-lo e ocupá-lo, como, aliás, a todo indivíduo atento e responsável.

No caso, o assunto não foi visualizado linearmente, com desenhos e enfoques comuns, mas, sob formulação prismática elaborada e sofisticada, concretizada em expressividade visual que uniu e modelou concepção e expressão, transfigurando-as esteticamente, em tonalidades densas (e tensas) e traços flexíveis e envolventes, de criatividade pessoal única, transmitindo simultaneamente o sofrimento, a angústia e a perplexidade provocados pela guerra, a perspicácia da percepção autoral e a beleza da materialização visual, transformadora do horror e de seu conteúdo em sentido e arte.

Participação em Antologias

Ponta de Lança, antologia de contos organizada por Joaquim Borges – (Uberaba, editora Juruna, 1979), com o conto “Primeiro Amor”.

A Poesia em Uberaba – Do Modernismo à Vanguarda, organizada por Guido Bilharinho (Uberaba, Instituto Triangulino de Cultura, 2003), com nada menos de nove visuais na seção “A Vanguarda dos Anos 60/70”).

Textos e Visuais Inéditos

Paulo Lima deixou ainda, inéditos, inúmeros textos literários e visuais (a oitava arte).

Julgamentos Artísticos

Intelectual multiforme, interessando-se por todas as artes, Paulo Lima nas vezes em que foi solicitado a se manifestar, exarou seu julgamento a respeito das melhores realizações lidas, vistas ou ouvidas em diversos segmentos artísticos, conforme as listagens que se seguem, das quais somente as referentes ao cinema não foram publicadas.

Tais julgamentos não são importantes apenas pelo que objetivamente selecionam, mas, ainda, pelo que revelam do grau de cultura e tirocínio do julgador, facilmente avaliáveis, no caso, por todo especialista e conhecedor das artes elegidas.

Melhores Romances Brasileiros

1) MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS, de Manuel Antônio de Almeida – 2) DOM CASMURRO, de Machado de Assis – 3) TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, de Lima Barreto – 4) VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ, de Lima Barreto – 5) MACUNAÍMA, de Mário de Andrade – 6) MARAFA, de Marques Rebelo – 7) A ESTRELA SOBE, de Marques Rebelo – 8) VIDAS SECAS, de Graciliano

Ramos – 9) GRANDE SERTÃO: VEREDAS, de Guimarães Rosa
– 10) QUARUP, de Antônio Calado.

*(Suplemento Cultural do Correio
Católico nº 07, 28 setembro 1968)*

Melhores Romances Estrangeiros

1) DOM QUIXOTE, de Cervantes – 2) GUERRA E PAZ, de Tolstoi – 3) ANA KARENINA, de Tolstoi – 4) CRIME E CASTIGO, de Dostoievski – 5) OS IRMÃOS KARAMAZOV, de Dostoievski – 6) ADMIRÁVEL MUNDO NOVO, de Aldous Huxley – 7) CONTRAPONTO, de Aldous Huxley – 8) O LOBO DA ESTEPE, de Herman Hesse – 9) TRILOGIA U.S.A., de John dos Passos – 10) HISTÓRIA DE POBRES AMANTES, de Vasco Pratolini.

*(Suplemento Cultural do Correio
Católico nº 11, 23 novembro 1968)*

Melhores Músicas Populares Brasileiras

1) ÚLTIMO DESEJO, de Noel Rosa – 2) CARINHOSO, de Pixinguinha e João de Barro – 3) QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ, de Chico Buarque de Holanda – 4) FEITIÇO DA VILA, de Noel Rosa e Vadico – 5) RODA VIVA, de Chico Buarque de Holanda – 6) AGORA É CINZA, de Alcibiades Barcelos e Armando Marçal – 7) COR DO PECADO, de Bororó – 8) A FELICIDADE, de

Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes – 9) CANÇÃO DO AMANHECER, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes – 10) SE VOCÊ JURAR, de Ismael Silva – 11) CAMISA AMARELA, de Ari Barroso – 12) POIS É, de Ataulfo Alves – 13) O TEU CABELO NÃO NEGA, de Lamartine Babo e Irmãos Valença – 14) JURA, de Sinhô – 15) CHÃO DE ESTRELAS, de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa.

*(Suplemento Cultural do Correio
Católico nº 20, 12 abril 1969)*

Melhores Filmes Brasileiros

1) DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL, de Gláuber Rocha (1964) – 2) VIDAS SECAS, de Néelson Pereira dos Santos (1963) – 3) RIO, 40 GRAUS, de Néelson Pereira dos Santos (1955) – 4) A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA, de Roberto Santos (1966) – 5) O CANGACEIRO, de Lima Barreto (1953) – 6) TODAS AS MULHERES DO MUNDO, de Domingos Oliveira (1967) – 7) OS FUZIS, de Rui Guerra (1965) – 8) MENINO DE ENGENHO, de Válter Lima Júnior (1965) – 9) O GRANDE MOMENTO, de Roberto Santos (1958) – 10) A GRANDE CIDADE, de Carlos Diégues (1966).

Melhores Filmes Estrangeiros

1) EM BUSCA DO OURO, de Charles Chaplin (1925, USA) – 2) O ENCOURAÇADO POTEMKIN, de Sergei Eisenstein (1925,

URSS) – 3) LUZES DA CIDADE, de Charles Chaplin (1931, USA) – 4) CIDADÃO KANE, de Orson Welles (1941, USA) – 5) A DOCE VIDA, de Federico Fellini (1960, Itália) – 6) MORANGOS SILVESTRES, de Ingmar Bergman (1957, Suécia) – 7) VIRIDIANA, de Luís Buñuel (1961, Espanha) – 8) A NOITE, de Michelangelo Antonioni (1960, Itália) – 9) ROCCO E SEUS IRMÃOS, de Luchino Visconti (1960, Itália) – 10) RASHOMON, de Akira Kurosawa (1950, Japão) – 11) O ANO PASSADO EM MARIENBAD, de Alain Resnais (1961, França) – 12) OUTUBRO, de Sergei Eisenstein (1927, URSS) – 13) TEMPO DE GUERRA, de Jean-Luc Godard (1963, França) – 14) UMBERTO D, de Vittorio de Sica (1951, Itália) – 15) HIROSHIMA, MEU AMOR, de Alain Resnais (1959, França).

(do livro físico *Personalidades Uberabenses*, 2014)

REFERÊNCIAS E HOMENAGENS

PAULO LIMA

Joaquim Borges

Tem diversificado sua atuação literária com a luta pela sobrevivência, seja exercendo importantes cargos como técnico da área econômica em Secretarias de Estado e empresas estatais e no magistério universitário, onde tem se destacado pela sua competência e visão aberta da escola”. Aduzindo, ainda, na sequência, que o título de intelectual, disputado “por medalhões medíocres, que nem sequer entendem seu significado, assenta em Paulo Lima em caráter permanente e irrevogável, visto sua posição e [...] visão crítica das instituições e dos valores de nossa civilização.

(Ponta de Lança. Uberaba, editora Juruna, 1979, antologia de contos organizada por Joaquim Borges)

PAULO LIMA

Jorge Alberto Nabut

Uberaba perdeu, ontem, em Brasília, Paulo Vicente de Sousa Lima, um dos maiores intelectuais que já tivemos, em todos os tempos, e o mais notável crítico de todas as manifestações artísticas. Avançado no tempo, Paulo Lima antecipou-se na valorização das artes decorativas, visuais e gráficas, até então fora do baralho conceitual do que era ou não arte. Sua casa, na rua Antônio Carlos, onde recebia ao lado da esposa Maria José e das filhas, foi importante reduto de difusão de cultura que formou uma geração de consumidores e geradores de arte. Há muito que dizer sobre Paulo, mas fica aqui nosso registro de pesar por perda tão significativa.

(Jornal da Manhã, Uberaba, 14 janeiro 2006)

VISÃO ANTECIPADA

Jorge Alberto Nabut

Paulo Vicente de Sousa Lima foi o homem mais culto e inteligente que conheci em minha vida. Aproveito a oportunidade para fazer esta homenagem a Paulo Lima. Ele tinha uma visão “antecipada” das coisas, das obras de arte e dos acontecimentos. Uma visão profundamente crítica, que faz os articulistas de hoje parecerem apenas puxa-sacos culturais. Um homem assim faz muita falta.

(Jornal da Manhã, Uberaba, 18 agosto 2007)

PAULO LIMA

Jorge Alberto Nabut

No melhor estilo eclético, a casa que pertenceu à família Cunha Campos e hoje é propriedade do arquiteto e decorador Demilton Dib será transformada por ele em espaço cultural que se denominará Paulo Lima, numa homenagem ao grande fomentador e crítico cultural Paulo Vicente de Sousa Lima. Amigo inesquecível – sinto falta dele como de meu pai e de minha mãe - Paulo Lima foi figura marcante em Uberaba nos anos 60 e 70.

A homenagem de Demilton é também a de nossa geração.

(Jornal da Manhã, Uberaba, 15 setembro 2010)

A KOMBI DE PAULO LIMA

Jorge Alberto Nabut

- *Perua* – Também chamada de Perua, a Kombi brasileira foi exportada para países da América do Sul e da África. Vai sair de cena sem computador de bordo, sem *touchscreen*, sem *airbag*, sem freios ABS, mas no melhor estilo retrô.
- ***Nove filhos* – Com nove filhos para sustentar – o criar ficava por conta da Maria José – Paulo Vicente Sousa Lima, o homem mais culto que conheci, só podia ter uma Kombi para transportar a menina, que, quando dormia, era substituída pelos amigos.**
- *Descoberta* – Foi a bordo de uma Kombi que Paulo Lima, Elvio Fantato e Ronaldo Cunha Campos empreenderam, bravamente, a “descoberta” do Desemboque. A perua enfrentou com honradez o cascalhado do chapadão.
- ***Ouvindo estrelas* – Paulo Lima nos levava na sua Kombi para ver estrelas. Em noite fria de junho e céu limpo, cada jovem estendia seu cobertor sobre o campo e sobre ele se deitava para descobrir – como a vida – o caminho da Via Láctea, a imensidão do Cosmo!**
- *Cosmo existencial* – Homem que entendia de tudo, com sua voz grave e o indefectível cachimbo, Paulo Lima ajudava-nos a desvendar os mistérios do Cosmo, como em outras situações nos explicava os assombros da existência.

- ***Corpos celestes*** – Acomodados nos cobertores, ouvíamos Paulo Lima decifrar as principais constelações e, com dificuldades, passávamos a alinhar estrela por estrela para dar formato de bicho mitológico. A Kombi, então, trazia-nos de volta à realidade vigente da nossa primeira juventude!

(Jornal da Manhã, Uberaba, 16 outubro 2013)

PAULO LIMA E A HERANÇA DAS COISAS

Jorge Alberto Nabut

As casas não seriam alcovas, castelos, conventos, chaminés a anunciar com a dança da fumaça o cozimento que faz do homem a característica própria?

Sim, elas seriam isto ou são isto e isso, mas reducentes, em cômodos, uns amplos, anchos, afeitos às luzes, ou acanhados, contidos em cômodos, afetados pelo carbono das sombras; sim, com caráter e características próprios, na propriedade que ocupam, na comodidade ansiada dos proprietários ou dos arrendatários: um cidadão solitário, o casal em núpcias, a família a contabilizar os gastos, os ganhos, os membros, os berços.

Muitas das casas são peculiares, solares, alpendradas, moradas que se imprimem em postais, de encantar os passantes; outras, aquelas de cara fechada, sem fachada, mas capazes de surpreender o entrante, quando passa pelo montante das portadas.

Optemos pela segunda descrição e chamemos à porta. Boa noite, Maria José. O Paulo está? Entremos.

Foi na casa de Paulo Vicente de Sousa Lima que, pela primeira vez na vida ouvimos as *Bachianas* número 5, de Villa-Lobos, necessariamente com Victoria de los Angeles. Também lá ouvíamos os originais dos então esquecidos Noel Rosa e Ataulfo Alves, a voz afetiva de Nara Leão, o timbre rascante de Joan Baez.

Foi na casa de Paulo Vicente de Sousa Lima que, pela primeira vez na vida, ouvimos falar de Godard, que ele tanto admirava, de Fellini, Antonioni, Buñuel, Visconti, Gláuber.

Foi na casa de Paulo Vicente de Sousa Lima que, pela primeira vez na vida, vimos as fotografias do Desemboque, duas delas na parede, como janelas abertas a provocar visita e conhecimento do arraial primevo do Sertão da Farinha Podre.

Foi na casa de Paulo Vicente de Sousa Lima que, pela primeira vez na vida, vimos os móveis da Arredamento e a discreta mobília eduardiana, herança de família, estilos repassados como conhecimento, assim como as primeiras noções de arquitetura colonial e contemporânea, de arte eclética, *art nouveau*, *art déco*, *design* escandinavo...

Foi na casa de Paulo Vicente de Sousa Lima que, pela primeira vez na vida, tivemos noções de astronomia, pois que nas noites limpas de inverno ele nos levava envoltos em cobertores, na sua perua Kombi, a desvendar a geografia dos astros e estrelas da incontida Via Láctea. Paulo Lima nos estendia, então, o grande arco da existência a ser desvendada.

Foi Paulo Vicente de Sousa Lima quem nos levou a conhecer as ladeiras patinadas de lodo de Ouro Preto e a apreciar os contornos incontidos e criativos do barroco mineiro e, em contrapartida, a Batatais e Brodowski na descoberta dos painéis parietais de Cândido Portinari.

Foi Paulo Vicente de Sousa Lima quem nos levou a abrir novos livros, a desvendar novas lições de arte, ciência, vida, a

praticar novas ações, legando-nos, a cada um, o mote apropriado da existência, a herança das coisas.

Mas quem éramos nós em casa de Paulo Lima?

Éramos: Rubico, Ivani Idaló, João Antônio, Catarina, Demilton Dib, Márcio Pális, Mário Edson, Luís Carlos Andrade, Nádia Bichuetti, o Grego, Dedê Prais, Carlos Nabut, Altair Jamal, Sheila Fenelon, Martinha Mendes, Isa Tiradentes, Gilberto Dib, os dominicanos Bruno Palma, Marcelo e Inocêncio, mais Miguel Árabe e eu, os caçulas; frades e futuros compositores, atrizes, arquitetos, médicos, poetas, historiadores, economistas, jornalistas, historiadores, antiquários, refugiados...

Foram inesquecíveis as visitas do arquiteto Sílvio Vasconcelos e do ator Juca de Oliveira, acompanhado do iluminador e futuro teatrólogo Plínio Marcos; da apresentação da coleção de desenhos de Mira Schendel, feita por frei Bruno, como foram memoráveis os momentos em que Paulo teclava meus primeiros poemas na sua antiga máquina de escrever, na loja instalada na rua Artur Machado... como é inolvidável aquele tempo – ou aquele templo – de vivência múltipla, que começava a ser assolado, assombrado, pelas bruscas mudanças políticas pós 64 e pelas necessidades de busca de novo assento e profissão em outras paragens, como Rio de Janeiro e Brasília, cidades adotadas por Paulo e Maria José, juntamente com as oito filhas: Marta, Raquel, Inês, Ana, Lia, Rute, Virgínia e Beatriz.

De todos os personagens citados, ficaram apenas dois em Uberaba. Um deles, eu, a tentar suportar o grande vazio que ainda ecoa na cabeça, o vácuo que me expulsava da casa fechada

da rua Antônio Carlos, onde era inútil bater à porta. Tudo, então, parecia inútil. Fiquei sem pouso, sem pulso, sem lavra, sem palavra. Minha salvação foi minha casa, meus pais, a leitura, meus poemas, os novos amigos.

Hoje, simbolicamente, Demilton Dib nos ajuda a recuperar o paço/passos perdido, dando o nome de Paulo Lima a este elegante casarão, de estilo tão valorizado por Paulo.

Pois, então, que aqui se contraíam as núpcias de novas ideias literárias, teatrais, poéticas, políticas, sob o cuidado de Tiago de Melo Andrade, e que tudo tenha o sabor novidadeiro dos ideais que clamavam por liberdade e que vicejavam na casa de Maria José e Paulo Vicente de Sousa Lima.

A sua bênção, nobre amigo!

(Jornal da Manhã, Uberaba, 29 junho 2014)

PAULO, UMA FOTOGRAFIA

Jorge Alberto Nabut

Diante de cada palmo do olhar calmo de Paulo

Que bela expressão facial, com um quê de calma, criança, esse olhar o alhures, esgotado da realidade, da vaidade social, da veracidade política... Esse olhar a olhar o infindo Brasil dos anos 60, a fumar cachimbo – verdadeiramente da paz – contrapartida a seu pensar ágil, culto, irreverente, crítico!

Esta foto de Paulo é mais que uma fotografia na parede, porque não é uma fotografia na parede. É imagem que vai além do papel imagético, que pode sair do cartão para sorrir diante da vida, das ironias, falar comigo, olhar nos olhos, contemplar minha poesia; muito além das grossas lentes dos óculos, a própria extensão de sua visão. É imagem que ainda pulsa sensações de vida, que se recusa a ser um simples impresso, um arremesso, mero e seco, de imagem sobre papel fotográfico.

Semana passada ouvi um dos cds de Nara Leão. As lembranças de Paulo Lima vieram como uma torneira esquecida aberta, por descuido da empregada, a gotejar com uma insistência minimalista, mas num ritmo que poderia molhar a sequidão dos dias. Logo me pareceu que a torneira aberta molhava tudo à volta, transbordando em bica, a escorrer água pela casa, em torrente.

Vai, vai, vai, começar a brincadeira tem charanga tocando a noite inteira... dizia a música de Sidnei Miller, mas o negócio não era brincadeira; a vida não era brinquedo, que se quebrava, frágil, como um disco de nossos avós; eram fragmentos que se juntavam, que se ajuntavam, todos os dias, para compor um todo.

A música de Chico, Vila-Lobos, Ataulfo e de outros da mpb, ajudava a amarrar nossa relação com Paulo. Nara fazia interpretações delicadas de temas contundentes que denunciavam a época que se vivia, ou que se podia viver; cheia de assombros. Sob a lona do circo, um militar podia ser alguém disfarçado de palhaço. Nara amenizava “o clima”, com sua voz quase rarefeita, naquela década de asfixias, sensações libertárias, estranhas.

Mas que nada!, dizia Jorge Ben.

Mas que Nara! – digo, agora!

As canções de Nara – e Nara – foram o fino fio condutor de nossas vidas, frágil quanto nossas certezas.

Na contrapartida, a voz de Paulo (semitonada para o grave), diante de nós, postos à sua volta, a ouvir sua fala mansa, amiga, amadurecida, mas lotada de verdades que a lucidez lhe conferia saberes transferíveis, mas, ele, insubstituível.

Ainda me impressiono com este barbante esticado como fiação condutora de minha vida – mais a Nara, o Chico Buarque, o Paulo, o Gláuber Rocha, o Visconti, o Rosa – quase a se arrebentar, pela longa distância, pelo afastamento, pelo distanciamento; mas com resistência para durar até o limite.

Ao fundo da sala, a mulher Maria José – nome interessante, que liga a Maria ao José – mais as sete filhas, dançarinas impressionistas, a se exercitarem, em movimento contínuo, entre a adolescência e a juventude, entre a sapatilha e o salto (alto); o tule da primeira menstruação.

E Pedrinho. Que passou como um raio – e ninguém mais viu.

O que se viu, ali, se propagou aos quatro ventos, às quatro estações de nossas existências, se assimilou na romaria de lembranças, para sempre futuras, na calmaria como esta que me invade, diante de cada palmo do olhar calmo do Paulo. Uma aura incerta, que faz desta fotografia a via expressa para a comunicação entre eu, aluno, e ele, mestre; ou mágico amigo.

(Texto escrito a partir de uma fotografia recentemente enviada por Reinildo Chaves Mendes)

(27 agosto 2015)

DOCUMENTÁRIO FOTOGRAFICO



Paulo e esposa, Maria José



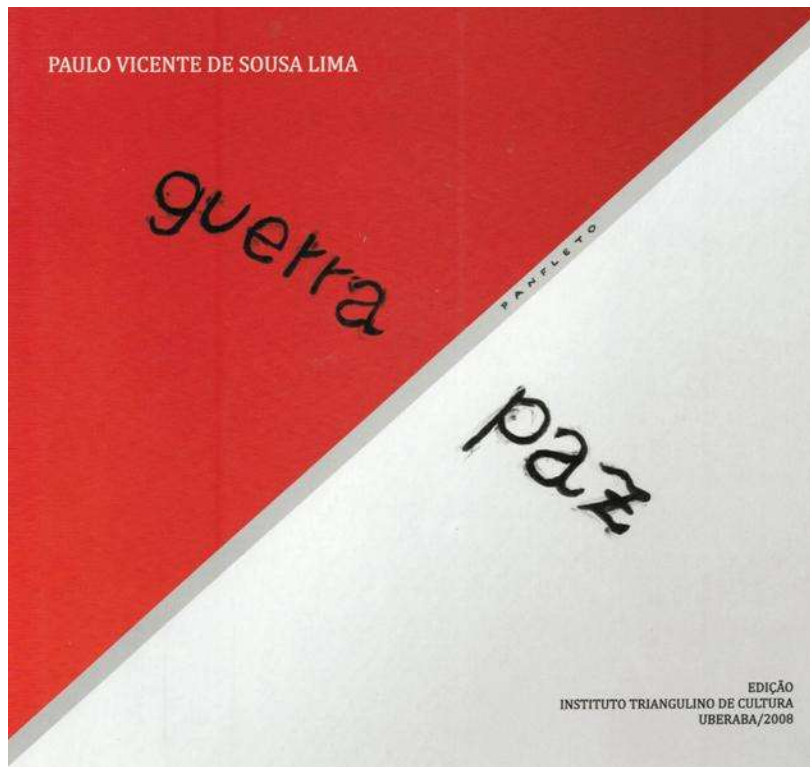
Paulo, Maria José e Filhas



Guido Bilharinho, Paulo Lima, Lincoln Borges de Carvalho e Jorge Alberto Nabut



Paulo e Moacir Laterza -1º e 3º da esquerda para direita



A Obra

HORROR E BELEZA

Guido Bilharinho

A obra de arte pressupõe e compõe-se de tema (estória, conteúdo e sentido) e de forma. De valores distintos. Não basta aquele ser pertinente, profundo e adequado para a configuração artística, que só se perfaz por meio do tratamento estético a que se submete o argumento. Arte, pois, é forma. Quaisquer sejam a trama e sua qualificação intrínseca e destinação extrínseca.

Paulo Lima em *Guerra/Paz* elegeu esse motivo, como poderia ter elegido qualquer outro. Porém, como contemporâneo, na juventude, do maior conflito bélico da História, a Segunda Guerra Mundial, e, daí em diante, na maturidade, convivendo com a Guerra Fria, a ameaça atômica e acompanhando guerras regionais de largas proporções e influências (as dos Estados Unidos contra a Coreia e o Vietnã, por exemplo), a questão haveria de preocupá-lo e ocupá-lo, como, aliás, a todo indivíduo atento e responsável.

No caso, o assunto não é visualizado linearmente, com desenhos e enfoques comuns, mas, sob formulação prismática elaborada e sofisticada, concretizada em expressividade visual que une e modela concepção e expressão, transfigurando-as esteticamente, em tonalidades densas (e tensas) e traços flexíveis

e envolventes, de criatividade pessoal única, transmitindo simultaneamente o sofrimento, a angústia e a perplexidade provocados pela guerra, a perspicácia da percepção autoral e a beleza da materialização visual, transformadora do horror e de seu conteúdo em sentido e arte.

(*Guerra/Paz*, Uberaba, Instituto Triangulino de Cultura, 2008)

GUERRA/PAZ

Jorge Alberto Nabut

Mais uma obra do editor Guido Bilharinho acaba de vir à luz: *Guerra/Paz*, de Paulo Vicente de Sousa Lima. O “panfleto visual” agrupa exercícios estéticos que Paulo Lima fazia nos intervalos do trabalho. São desenhos à nanquim, juntados no fundo da gaveta pela dedicada esposa, Maria José Dolabela de Lima. Trazidos à tona, os desenhos vêm acompanhados por três fotos que, por si só, já renderiam um livro pelo que representam para a geração que conviveu com a família Dolabela Lima.

Panfleto Visual

Muito mais do que os desenhos, falaram-me as três fotos publicadas no “panfleto visual” *Guerra Paz*. Uma delas, a do casal Paulo Lima e Maria José tendo ao fundo o Rio de Janeiro, que ele tanto amou. Outra, o casal com as oito filhas. Isso me basta para recuperar um tiquinho da memória de Paulo, o nosso Paulo Francis, que tinha espírito crítico como o mesmo Francis. De relance, ele sabia da importância, ou não, de uma obra ou de um artista. Paulo tinha incomparável e raríssima consciência crítica de valores estéticos e morais. Jamais fez concessão a artistas, pessoas e políticos. Não se deixou levar por nenhum deles, indignos de seu reconhecimento. Paulo seria um homem sem lugar no mundo de hoje, de comportamento tão massificado.

(*Jornal da Manhã*, Uberaba, 09 de agosto 2008)

GUERRA/PAZ É UM LIVRO FEITO DE SENSIBILIDADE, PARA QUEM TEM SENSIBILIDADE

Rogério Salgado

Paulo Lima é, antes de tudo, um poeta e, assim sendo, tem a sensibilidade aguçada e por esse motivo transporta para dentro de seus sentimentos, as atrocidades do mundo. Por isso surgiram as ilustrações (que também poderiam ser poemas visuais: por que não?) contidas no livro *Guerra/Paz* (Instituto Triangulino de Cultura). Como contemporâneo, na juventude, do maior conflito bélico da história, a Segunda Guerra Mundial, e daí em diante, na maturidade, a convivência com a Guerra Fria, a ameaça atômica e acompanhando guerras tais como as dos Estados Unidos contra a Coreia e o Vietnã, por exemplo, daí surgiu a inquietação poética e a insatisfação humana, que gerou o que encontramos nas páginas deste livro: dores da alma, medo, horror, sensação de impotência, angústia, falta de perspectiva e ao mesmo tempo uma crua percepção espiritual, o sentido que o espírito sente diante da intensa brutalidade que a violência causa e por aí fora. Isso é o que pude sentir como simples observador ao manusear o livro do início ao fim.

Paulo Lima nasceu em Sacramento, região do Triângulo, em julho de 1927, cursando os antigos primário em sua cidade natal, ginásial em Uberaba e colegial em São Paulo, formando-se

em economia em Belo Horizonte. Estabeleceu-se em Uberaba em 1950. Teve atuação marcante na vida cultural da cidade, participando, a partir de 1962, da fundação e direção, juntamente com outros intelectuais, do Cine Clube de Uberaba, de intensa atividade nos anos seguintes, apoiando e colaborando com as demais entidades culturais existentes naquele período na cidade, a exemplo do Foto Clube de Uberaba, dos ativos grupos de teatro Núcleo Artístico do Teatro Amador (NATA) e Teatro Experimental de Uberaba (TEU), entre outros. Nos meados da década de 70 passou a residir em Belo Horizonte para ocupar cargo na Secretaria da Fazenda de MG, indo posteriormente para o Rio de Janeiro para trabalhar na Cia. Vale do Rio Doce, passando, posteriormente, a atuar na Bolsa de Valores daquela cidade. Participou, com visuais, da antologia *A Poesia em Uberaba: do Modernismo à Vanguarda* (Instituto Triangulino de Cultura, 2003) e anteriormente integrou com o conto “Primeiro Amar” a antologia de contos *Ponta de Lança* (editora Juruna – 1979), organizada por Joaquim Borges.

Guerra/Paz é um livro feito de sensibilidade, para quem tem sensibilidade.

(*Correio do Sul*, Varginha, 25 dezembro 2008, coluna “Diversos Caminhos”, de Zanoto)

Textos

CONTOS

PRIMEIRO:

AMAR

Conto de Paulo Lima

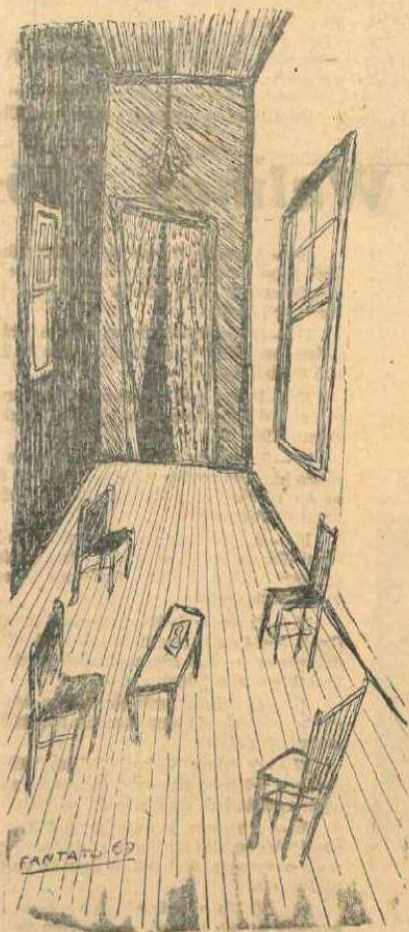


ilustração de Hêlvio Fantato

A ESPERAR na sala, de visitas, sem prejuízo de importância, só a esperar e reparar. Abajures de papel crepon, fitas. Cortina de contas suspensas na lida para a cozinha, aberta se passada. Crochês pelas mesinhas. «Tá, para você gostar de mim», Loretta Young sorrindo do porta retrato sorriso sem Kolynos. Sol forte e estranho entrando pela janela aberta à vida. O assoalho de tábuas avermelhadas, chitro de terra e gasolina, uma limpeza quieta feminina envolvendo as paredes, as caçóias com capa de cretão engomado, tudo ali. Uma nova fôia-presença se insinuando, um sentimento confuso de perturbação, um encontro não marcado. Embora que para se encontrar não é preciso de muito empenho e siso. Mas a importância da aparição já foi determinada na antevéspera, na experiência vivida, nos acontecimentos havidos. Assim, pronto a reconhecer o novo e conhecido. Comprometido pela hora do ambiente mágico, plantado plantante, encontrado achante. Surgiu Margô, os olhos romanos que só, se abrindo de sorriso no entendimento da hora precisa, cristalizando a presença feminina sentida no ar, nas coisas, na hora. Brotando o encantamento da novidade estreada emudeceram os tumultos na garganta, tumultuaram os sentimentos nascentes, a definir. Então a amar, sei que.

— Passa todo o dia por aqui, a gente vai junto para a escola.

Indo, indo. Pegou prosa banal, tagarelar de tudo e nada, meo conversar, rindo-falando especial de um modo próprio. E era para não se encantar? A-mais-bonita-da-idade, todo mundo sabia, só vendo!

— Bateu o sino, agora é Língua Pátria.

Verbo. Sujeito. Eu, sujeito a-que? Sujeito oculto, o desconhecido, como saber como? Análise lógica. O vago e o caprichoso, sentir com sentimento dormente no espichar da aua morna, ouvir só com o ouvido. Depois as letras miúdas do Carlos Góis, monótona sapiência a se interessar. Professora substituta no esforço da falta de prática, querendo sair bem, ficando mal a quem só bem espera a saída.

— Espera, que já vou.

No tropel da saída o chamamento entendido, atendido no todo e mais. A repetir a ida, chegando um pouco mais a dentro de, outra vez sentimento acontecendo, a gramática mudada querendo expressar, o que?

Chalczinho rosa, a cortina de renda aparecendo na janela entreaberta. As ruas pareciam emolouradas em corinas de rendas, o mundo era todo sala-de-visitas e bibelôs de porcelana. Elefantes, principalmente, dão sorte e fortuna.

De noite na cama, silêncio vibrante, parecia brisa festando. Que nem canto de passarinho, quieto no seu galho, sem se desalinhar. A imaginar coisas e outras. Páminha voando no sossego do volteio.

No outro dia e nos outros, quê-de ir sozinho com Margô! Gessy foi de companhia, sem imaginar atrapalho. E Gessy, nome e cara de sabonete, tinha um irmão gordo de nome Benito que vestia camisa preta e calça caqui, só gabava da Abissínia e vivava e outro Benito, o Mussolini. Somando tudo: uma antipatia completa.

Nos poucos momentos a sós, Margô a se desentender do desejo sozinho ficar e ir. E mais se abontando na pose segura do conquistar, o já conquistado. E o desentendimento a dúvida: Margô ou Margô?

Foi tudo assim como contado, embora reíntar demais na minúcia não precisa não. Sei que este meu dizer, mudo, a outro carecendo de sentido, achando pareo coisa, sempre foi assim, e não será? A mágoa, esta é passado passado, mas nunca mais será como o primeiro enleio, o embaraçado enlevo, a aparição confuso de traír as precauções. Estarelado, lideiro a tudo, esperarei outra vez, mas nunca mais tão pessoal e tanto parcial o envolvimento de.

La indo os pequenos encontros, os olhares de entendimento envolvendo as meras situações, quase um estado definido, mas não o regresso da intimidade. O mito se anulando nos acercsimos das criações criadas, tomando corpo e veracidade, passando a existir no universo pessoal das emoções provocadas.

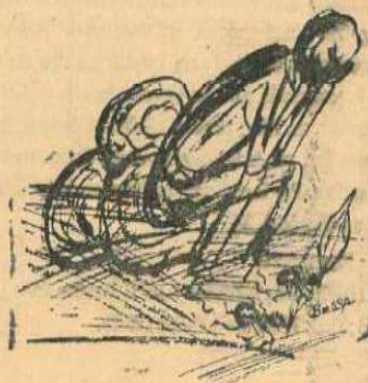
Foi um dia. Desabou tudo de vez numa manhã no Cine Capitólio. As sombras chinesas faziam ilusionismo na tela do cinema escuro piscante. Benito e Margô, as mãos d'elles se confundiam, continente apertando o meu rancor confuso. Uma vaga onda de calor e tragédia subiu dos meus pés a minha cabeça. Travo amargo na boca. Fazer o que? Inerme não proceder após, em guarda, sem nada.

Segundo: tirar a lição. Mesmo na entrega é preciso prever cauteloso, as jogadas previstas, os movimentos adivinhados, aceitar o proceder das pessoas, assim como tal, no real, sem fabricar.

Mesmo assim, como fere!...

(Suplemento Cultural do Correio
Católico nº 15, Uberaba, 01 fevereiro 1969)

AS FORMIGAS



Conto de Paulo Lima

Ilustração de Hélio Bessa

Deixo a estrada, atravesso o mata-burro, sigo pela estrada velha limosa, terra endurecida, capim meio alto. Prefiro assim. Nestas fazendas novas com capatazes, tratores e outras modernidades, não se arranja nada, ficam perguntando, classificando a gente pelos cuidados de roupa e sujeira e aí, não escapo: vagabundo, ainda forte, podia trabalhar. Comigo não, violão, não entro mais no batente amarrado, perdi o feitio. Quer dizer, algum servicinho podia fazer, não custa, mas carece não. Vou vivendo assim. Com a botina rasgada chuto uma bolota qualquer, sem amargura sem pesamento. As ligações com o passado estão ficando muito tênues e vão perdendo o conteúdo emocional do início. Os pastos dobram o espigão no horizonte próximo. Outra diria: que bonito o cerrado em seu estado natural. Hoje é uma fazendinha com a perspectiva favorável de um bom almoço. Ainda é cedo, mas a fumaça da chaminé é uma boa garantia. Evola-se bem alto e se desmancha aos poucos se integrando, cor com cor, no céu azul. Como o pensamento da gente:

- Os Braga compraram um Volks, só 200 mil por mês!
- E' preciso visitar o seu Vitor, afinal ele é o seu patrão e está há dois dias de cama!
- Se não fosse o fuxico do Esmeraldino você podia pegar mais 100 mil na chefia...
- A Nina precisa urgente de mais um vestido e sapato, senão como irá aparecer na festinha?
- O Padrinho podia nos emprestar algum...

Bestalhão, inconsciente, anta. Mesquinhas só. Que se apertasse, se comportasse, se mexesse. Fingindo ser, fingindo não ser. Barretadas pra cá, barretadas pra lá. Pão paletó, tira gravata, ônibus, apêrito de gente, chuva, sapato molhado, rebalho, rebanho. Ora, deixa para lá, enxerço hoje a engranagem. Só não tenho certeza se a solução arregiada seria a melhor. E' possível a afirmação na negação? Pelo menos estou liberto de alguém que existiu e que tinha o meu nome. O capim jaraguá é áspero e raspa a calça grossa, fazendo um barulho de lixa, esta é uma boa realidade. Também as galinhas no quintal, no alvoroço, milho debulhado.

A senhora me arranja um prato de comida? Estou indo em romaria para Agua Suja.

Digo assim para facilitar, não ter que conversar muito e me mostrar devoto, que ajuda a boa vontade. Zambido ao longe, trator, avião, caminhão na estrada, Zangão, mel, açúcar, doce. Um bólo nítido na memória, doze velinhas, Nina vai ganhar a coleção que pediu, Liana preocupada, não vai beber muito, amanhã tem batente cedo no escritório, não havia mais emprego, ela não sabia, não tive coragem de contar. Mas o Tavico sabia, chegou compungido e mais confiado que nunca por cima de Liana. Será que meram juntos? Sei lá! Depois do acontecido, ao qual fui empurrado, encurralado, sem forças bastante para nadar, o passado é uma abstração que vai perdendo o sentido aos poucos. Sentado na pedra de entrada, prato na mão, comida quente, liberto, espero o sol esfriar para continuar a caminhada rumo àquele matinho lá em cima. Olho para baixo, vejo as formigas decididas, indo e vindo, carregando folhinhas, se agitando. Um pensamento corta rápido meu entendimento. Tempo e espaço de formiga não são realidade. Morbidez de uma humanidade doentia. Lucidez libertação. Mas mesmo isto vai perdendo o sentido à medida que vou adormecendo, invadido por uma modorra súbita, encostado nesta pedra, numa fazenda sem nome, há muito tempo...

(Suplemento Cultural do Correio
Católico nº 4, Uberaba, 12 agosto 1968)

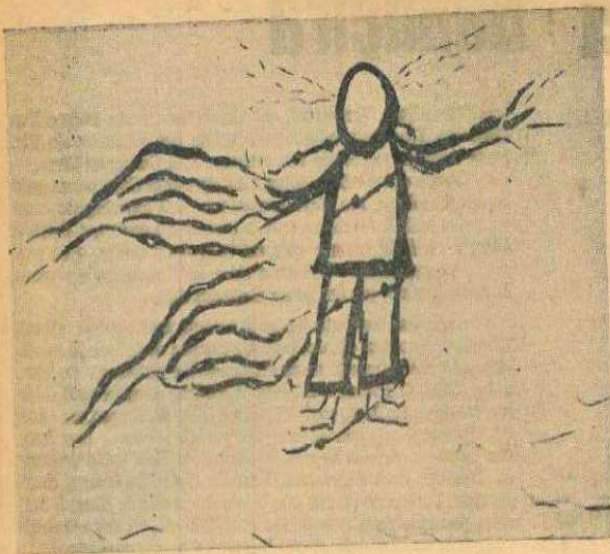


ilustração de Ronald dos Santos Terra

HOMEM

UM vago sentido de dor no corpo todo. Agulhas por todo lado. Clarões coloridos no aperto dos olhos. Falta de gravidade e, súbito, uma contorsão violenta. Zumbido no ouvido, mais alto e mais. De repente, o silêncio. Um sentimento de irrealidade, de não existir, da imaginação bolando num copo de azeite, sem contraste com a escuridão de um universo infinito. A morte seria assim? Estou morto? Desde quando? Me esforço para lembrar-me de alguma coisa anterior, do meu suposto tempo de vivo, da experiência vivida, entrar em contato com algo físico, sentir as mãos, mas falta algo que não posso determinar bem, que impede a ligação. Cordas, sim as cordas! Estava amarrado, mas por quê? A corda era nova e muito grossa, foi difícil fazer os nós. As mãos peludas, desajeitadas, me imobilizavam a custo. Incapaz de reagir, uma paralisia me impedia. Não, as mãos não eram peludas, eu não as vi, era espécie de luva que lembrava pelos. Timidamente, alguma coisa dentro do meu cérebro dá um aviso, como se acendesse uma luzinha vermelha. Ist! Atrir os olhos, enxergar, explorar as vizinhanças, pelo menos o campo de visão. Estou todo tomado pelas sensações e emoções, algo cortou minha inteligência, que volta aos poucos. Sim, eu sinto que ela volta, lembrou-me do tato, de todos os sentidos, mas os músculos obedecem a duras penas. Um gosto na boca, sal, água, remédio amargo e de repente a memória se abre, como se tivesse retirado uma cortina. De uma vez. Me deram alguma droga e passou o efeito. Ou foi o medo que me insensibilizou? Consciente, mas ainda desorientado, procuro-me organizar. Primeiro, reconstituir os fatos enquanto voltam as forças. Meu Deus, mas estas forças são estranhas, não são como antigamente, não as domino! Será que vou entrar em pânico? Não, acho que logo saberei de tudo, assim espero. Enquanto aguardo procuro-me julgar, embora tenha a impressão da

inutilidade deste julgamento. Se era culpado ou não, o meu ponto de vista, o ponto de vista dos outros, tudo se enquadra em outra realidade, num outro enfoque sem peso nem medida. Imparcialmente. Sem dor nazi emoção vivo outra vez a tortura, o interrogatório, as horas intermináveis de angústia, de solidão, na esca escura. Nada em minha memória me indica que eu tenha delatado os companheiros, contado fatos ou denunciado lugares. Não que eu fosse muito forte, mas eles começaram com um jogo tão violento e agressivo, que não deu resultado. A técnica mais eficiente seria «água mole em pedra dura», o aperto gradual, a pressão psicológica e talvez eu teria cedido. Sei lá! Agora o sentido de tudo está vago e embaraçado, só deixando uma impressão de jogo já jogado, definitivamente ganho, perdido ou empatado, mas que certamente já terminou.

O que sinto agora é estranho mas me enche de contentamento. Ondas de força nascem em todos lados e me encontro boiando no vazio claro. Eu me somo a esta corrente que se avoluma fisicamente e se expande no mesmo sentido e na mesma direção. Uma brisa quente substitui o sangue das minhas veias, em fluxos, como o movimento das ondas formando maré, numa praia infinita. Da periferia as forças vitais se movimentam em direção ao centro para formar o signo-maior. Um sentimento intenso e um conhecimento pleno envolve tudo. E um conceito se sobrepõe a tudo, abrangendo todo o acessório, marcando o ritmo necessário e a técnica essencial: verdade-paz-justiça-liberdade, verdade-paz-justiça-liberdade, verdade-paz-justiça-liberdade. Conheço. Sei agora qual foi minha parte no todo e a integração total de minha vida na harmonia da evolução final. Já seguro, descanso enfim, realizado. Jornada de um homem, apenas, tudo.

conto de
Paulo Lima

(Suplemento Cultural do Correio
Católico nº 9, 26 outubro 1968)



ilustração de
DEMILTON DIB

conto de
PAULO LIMA

A TARDE era morna e clara. Tudo parado, como sempre. Joaquinha lavava roupa no tanque quando algo vibrou no seu ouvido de uma maneira estranha.

— Está ouvindo, siá Noca

Siá Noca tentava avivar o fogo na trempe de tijolo, queria acabar logo de fazer o sabão preto. Virou-se, olhou pra Joaquinha, viu-a com o braço ensaboado e brilhante no ar, na espera.

— Pensei que esta zumbideira era do meu ouvido, faça ideia!

Nem terminara de falar e o som ficou mais alto e mais, e mais, atingindo o limite do suportável, até deixar de ser ouvido. Joaquinha caiu no lugar. Siá Noca de lado, como se fulminada por um raio.

João Motorneiro, chofer da Máquina de arroz, ia aproveitar o fim de tarde e o caminhão velho emprestado, para buscar dois porcos que tinha comprado do compadre Urias. Ao passar o mata-burro do carregador o caminhão deu um suspiro e apagou o motor. João desceu da boléia e abriu o capô. Nisto, ouviu um zumbido indefinível como se fosse um exame de insetos. A vibração aumentou. Tombou emboreado por cima do motor.

Etelmides ia terminar a aula. Escrevia no quadro-negro os problemas para casa. Sentiu uma espécie de assobio em crescendo, como se saísse de suas entranhas. Virou-se e ainda teve tempo de perceber os meninos inquietos, se entreolhando temerosos. Depois, o nada.

Antônio dava polimento à placa de latão, onde estava gravado: «REPRESA DO RIO DO SONO» e em letras menores: «Sistema de Regularização do rio São Francisco». Fazia automaticamente o serviço, cismando: «só um velho como eu para aguentar este fim do mundo». Foi então que ouviu um zumbido ao longe que aumentava de intensidade. Sentiu-se mal, encostou na parede, levou a mão ao peito ao sentir uma pontada aguda no coração. Caiu.

— Onde está o Nestor?

— Não sei, saiu caladinho, pegou a trilha do rio.

— Vai ver que o malandro do seu irmão foi pescar. Apanha se não chegar até às seis.

Falava alto, junto à cômoda, quando percebeu um som que se tornava cada vez mais agudo e mais forte. Firmou-se na gaveta aberta e tombou numa crispção.

Nestor sentou no barranco do rio olhando a espuma entre as pedras. «Droga de vida, desta vez

vou mesmo para Pirapora. O Déclo, como aprendiz de mecânico, já está ganhando 60 mil. Se de vier domingo ver a Rosinha, falo com ele e resolvo minha vida.» Ruminando sua resolução deitou no capim. As folhas da sanga d'água, que servia de trampolim para o poço em baixo, estavam paradas e nada se ouvia, nenhum passarinho. Teve uma sensação de estranheza, de algo eminente, imprevisível. Ameleceu o corpo e colocou o braço sob a cabeça. Foi neste momento que ele viu um pára-queas negro descendo devagar, suportando uma caixa escura. Tentou imaginar suas dimensões, mas contra o céu azul não teve noção de perspectiva. Nem teve tempo de indagar sobre a origem daquele objeto, era tudo tão absurdamente estranho. Algo estava errado. De repente a caixa emitiu uma vibração aguçada e forte. Nestor nem chegou a se levantar.

Sento, comandante do helicóptero, pilotava diligentemente o aparelho, porém demonstrava pouco treino pois fazia esforços exagerados de atuação nos mostradores do painel. «Falta circuitos de 10 quilômetros de raio em torno do Ponto Zero», disseram, «falta se aproxime antes da hora». Sorte sua ter pilotado helicóptero no Vietnã, é verdade que este aparelho é mais moderno e complicado, mas basicamente é o mesmo. Agora ficaria livre da pena de morte, somente mais uns meses na prisão, bem calado e estava fora das grades. Pelo menos foi o que prometeram aqueles dois homens finos e amáveis que o chamaram ao gabinete do Diretor. «Nossa causa, o Poder Branco, corre perigo eminente, precisamos de você e de mais cinco detentos, terão retribuição à altura da responsabilidade de sua missão. Não entraremos em detalhes, mas sabemos que lutam pela supremacia branca». Ao Diretor falaram em segredo de Estado, vagas experiências científicas, mas o argumento decisivo foi uma pasta cheia de papéis, carimbos, autorizações e rubricas. Pela cara do Diretor devia ser coisa grossa, vinda de cima. Depois as instruções às pressas, uma viagem de algumas horas e outra vez em missão de combate. Fartos os velhos tempos da Indochina. Perigo, aventura. Lembrava-se bem da sensação de euforia que experimentara certa vez, quando o helicóptero, voando baixo, saíra das nuvens em clima de uma várzea de capim baixo e então ele viu uns trinta camponeses fugindo à aproximação do aparelho. Sem nem pensar aciona as metralhadoras, sobe, dá uma volta, persegue dois vietnamitas, sempre metralhando, volta sobre o grupo maior e continua a atirar mesmo quando todos estão tombados no campo. Suando, ofegante, retorna à base, pela primeira vez sentindo-se completamente realizado. O papel do soldado é matar o inimigo sem contemplação, sem remorso. Correu depois pela fama, pelo rumor de que eram camponeses leais, mas para ele eram Vietnãzes instigados de Hanoi... os guerrilheiros se casfarcavam como demônios. Com o seu relatório encerrou-se o caso. Bons aqueles tempos! Mas hoje, depois de cinco anos de prisão sem nem ler jornais, mais por falta de interesse do que por outra coisa, estava por fora de tudo. Será que havia alguma guerra? Bem, se houver o problema dos generais, do Polígono, do Presidente. O Diretor dissera no Dia das Crianças que devíamos agradecer a Deus pelo passo forte do nosso Presidente que nos deu um clima de lei e de ordem. Lembrava-se bem dele ter dito bem devagar para gravar em nossas cabeças: «A restauração da autoridade começou com a subida ao poder do Presidente Wallas em 1975. Com determinação e coragem colocou às classes inferiores nos seus devidos lugares, sendo que não hesitou em usar a violência quando ela se fez necessária. Mas hoje a autoridade é respeitada, a ordem obedecida, os deveres cumpridos. Demos graças que, nestes últimos seis anos, retornamos ao caminho que conduz aos altos desígnios desta sociedade». Sabia que agora não haviam mais os distúrbios de rua, que muitos pretos foram presos e sentenciados, mas outras coisas ele não sabia e nem entendia, por exemplo, porque não usavam bombas atômicas contra os amarelos da Ária se tinham estoque de milhares delas. O seu processo — homicídio

premeditado, lembrou-se — o tinha absorvido demais, nem tivera tempo de pensar em mais nada.

Olhou o relógio no painel, 16,30. Neste momento recebeu pelo rádio a ordem esperada. Os círculos se tornaram espiral descendente e o aparelho baixou suavemente no Ponto Zero, uma praça de uma vila pequena e pobre, uma Igrejinha na parte mais alta, num país desconhecido para ele. Parados os motores o silêncio era total. Do bôjo do aparelho desceram cinco homens, blusões de couro escuro, botas curtas. Espalharam-se pela cidade, entrando e saindo das casas. Scato notou na praça deserta um homem de cor escura e um cachorro. Pareciam dormir. «Macacos e cachorros, os inimigos, merecem é isto!» Esperou, vigiando o helicóptero, olhando a vila sem vida, calma e intacta, como se nada houvesse acontecido. Em quinze minutos estavam os homens de volta, dois deles carregando apressadamente uma caixa verde e um outro um pára-quadras negro, mal dobrado. «300-D à base — estamos decolando para voltar direto — eficiência observada cem por cento — raio de ação em torno de cinco quilômetros — filmadoras automáticas funcionando normalmente». Depois de um vôo de vinte minutos desceu com alívio, ao lado de um enorme avião, pousado no campo deserto. Foi embarcado, junto com os companheiros, na parte trazeira do avião. Ao subir a escadinha percebeu outro helicóptero vindo do lado da represa, mas ninguém mais entrou

no compartimento da cauda. Logo depois o aviãoacionou os jatos e decolou.

Notícia pequena na segunda página dos jornais: «Fato inédito aconteceu hoje na Prisão Estadual de Wiltmore quando seis condenados à morte foram eletrocutados num espaço de duas horas».

E as manchetes diziam: «REPRESA DO RIO DO SONO INUNDA VALE», «NENHUM SOBREVIVENTE NA TRAGÉDIA», «POSSIVEL INFILTRAÇÃO NA BARRAGEM DE TERRA CAUSA LUNDAÇÃO», «CATÁSTROFE AS CINCO DA TARDE», «VILA DESAPARECE SOB A FRIA DAS ÁGUAS» e «REGIÃO ISOLADA DIFICULTA SOCORROS».

E perdido no meio do texto: «... nosso repórter apurou que Antenor de Tal, vaqueiro do Coronel Floriano Dias, foi a pessoa que se encontrava mais próxima da tragédia, pois campeava um boi desgarrado no Chapadão do Saltador. Na sua linguagem simples de caboclo creólulo contou que o açude, antes de arrebentar, cantou como se fosse cigarra em tarde quente, como se fosse coisa viva, sabendo que ia morrer. Tirando a fantasia de lado, temos só a lamentar as preciosas vidas perdidas e tentar compreender os designios da má sorte que se abateu sobre a Vila do Paredão, povoado perdido no Sertão de Minas que, por uma fatabilidade, foi riscada do mapa».

*(Suplemento Cultural do Correio
Católico nº 23, 24 maio 1969)*

Ancestre

Sempre os porquês! Procuo, como em sonho, a nesga de luz necessária no painel escuro. Espero entrever a linha de horizonte, definição adlada. Anseio de rumos a esperar reconhecimento, aerofotogrametria impossível da topografia do nada. A realidade se fragmenta em vidrilhos coloridos e só os reflexos ofuscantes de um mundo distorcido dão vida a um campo inanimado e sem perspectiva. O passado, o futuro, caminhos andados no presente, só ver. O encontro do provisório no permanente, o acontecimento de toda hora, congelando os momentos, dando permanência ao fortuito, acumulando a razão e a emoção para uma existência una.

Ah! o suposto elo, o sonhado anelo de graça, cor e arte. Eram priscas eras de fronte, puras. Heras em cunhais de aroeira, janelas retângulos em série, currais, alpendres e varandas, hortas de flores cravinas, amôres, ervas aromáticas curativas, fortes odôres a raiz e paz. Usanças,

andanças, cálidas esprietas, olhos no tempo auscultam ancestrais caminhos. De fundas e terrosas lidas ondas de vida nos seixos das beirais fidalguas, anos gastos aguardando a importância dos cemitérios úmidos e tardios. (ABÓBORAS AZUIS ENGORDAM BOIS ELEGANTES — ELEFANTES ENFASTIADOS)

Ternura de abelhas d'Itália. Cabelos, ombros, olhos, negros uns, dados outros, impulsos e aparinhações, pareências deseabidas e recessivas voltas, os guapos, os não, gibões de couro e ouro, dobrões, arneses, silhões de um arção, ah! e as batias e baetas e chiffons e fitas, artes de armar e amar, a religar.

Quedo destro, teúdo sem, mantenido com, alinhavado na sólida tinta, delmeada na moderna ida e lida: tudo-o-que-tênho.

(FALHO COM O AÇO? MALHO O ESPAÇO, ASPAS EMPALHADAS NA DOR FERIDA)

Os fantasmas perdidos na mansa campina, linha-

gens amadas de gosto e arte. Desconhecidas e descosidas ainda de continuadas vidas.

(A MÃO ESPETA A PANÇA PANDA COMO DANÇA TONTA DE ESPERANÇA TANTA)

Peros, peceiras, sem ciria nem beira, reais senhorias decadentes no uso e abuso dos peixotos e cunhas, essenciais excelências. Anti-ultra-desinconfidentes das minas e dos gerais, vindo andando povoando aos carros de bois, terras compradas chapadão vasto do sertão. Solidão — esplendor. Artimanhas vivas, artes de atividades natas e inatas. E a sabença de alheias vênias, inveja reclama.

E vi. As anas a escarnecerem dos alexandres das glás e pontes chás — maior orgulho de soberba própria. Urgem netos e bis e tris.

A esperar clarões de matutinas ondas marcantes rilmós de estréia repetida sonho morno de anjo a velar existência de feliz paris expectâncias de perdidas ansias adeuses males vindas deuses azes outros ares.

Acabar horrores, completar voltas cantando lóas, aos juvenis ardores. Anuências prenhas de febris lembranças do páldo sangue diluido nos temores e amôres de eras outras.

Não voltar. Aqui ficar no jeito e no jeito das urbanas savanas, de gesto, gosto e estilo. Pelo menos, senão. Nada esperar dos fóros e emolumentos do areaz, das relhas, das cambes e cambões dos lavradores situados. Os candeeiros queimaram todo o ranço dos azeites pobres e escuros experimentam o mal-estar do reconhecimento. A esmiucar coisas e gentes, olhos apertados no esforço de conhecerem das vagas ligações de antanho.

(NA TELEOBJETIVA OS SPORT-LIGHTS DOS WATER-GLOSETS FEREM A VISTA)

Idêntico permanecer na gesta, armado com o inoxidável do abridor de velhas cartas. Gesto inútil. Pôse de anacrônico cavaleiro e seu chevrolet prateado em prise direta.

A certeza de não ser, o vago desconforto de ser.

Paulo Lima

(Suplemento Cultural do Correio Católico nº 26, 05 julho 1969)

**ARTIGO E
ENTREVISTA**

A PINTURA DO HÉLVIO FANTATO

A propósito de sua exposição individual realizada com grande êxito nas “Folhas” em São Paulo.

PAULO LIMA



1966

O mundo dos quadros de Hélvio Fantato é um mundo que existe. É o mundo subdesenvolvido, é a América Latina, é o Brasil, é Uberaba. As figuras humanas de sua pintura são as que encontramos todo dia. Por isso comunicam de imediato uma mensagem que qualquer um entende.

O artista é revolucionário porque é sensível, sente com o coração e não se corrompe com interesses de grupos ou de classe. Quando encontra uma situação de injustiça ele se revolta e se não pode mudar tudo, pelo menos denuncia. Denúncia esta não panfletária mas usando as possibilidades de sua arte, apresentando o lado lírico, os valores humanos básicos intocados. Não uma apresentação naturalística e fria da realidade mas oferecendo sua solidariedade e sua participação. Um rosto vincado e marcado pela vida convence

mais e causa mais impacto do que um discurso ou um panfleto, porque é irrefutável. Por isso sua arte é revolucionária porque não se enquadra na categoria de enfeite de parede para os burgueses mostrarem seu padrão de gosto e de vida. Sua arte incomoda pois lembra que existem injustiçados, desprotegidos, oprimidos, massacrados e marginalizados por uma ordem injusta. Toda sua sensibilidade, seu intelecto, sua técnica estão do lado dos desfavorecidos.

E não é o título da obra ou a explicação dos iniciados ou teóricos que mostram as injunções que pressionam os seus personagens: suas figuras falam por si mesmas, o impacto visual das formas e das cores é imediato e mesmo os mais desavisados ou preconcebidos sentirão a situação. Não é uma arte bonitinha, a flor, a paisagem, a cópia acadêmica. Sua arte é moderna e atual, tudo é criação e intuição. Mesmo pela falta de formação acadêmica dificilmente poderia fazer arte de folhinha. No seu primitivismo de expressão tudo é força e realidade, seu autodidatismo dá-lhe originalidade e autenticidade. Não faz o quadro para o mercado, se vende, e vende bem, é porque têm valor por si mesmo e muita gente comunga com sua solidariedade para os pequenos e desprotegidos. Daí o seu sucesso, não procurado, mas reconhecido.

Os quadros de Hélio Fantato representam um ato de amor ao povo simples, é como se lhes mandasse um grande abraço. Registra suas alegrias, seus divertimentos, suas crenças, suas ocupações, suas festas e atividades próprias: o samba, a macumba, as festas dos Santos Reis e São João, a procissão, a

catira, os carregadores, os garimpeiros, as lavadeiras, o operário e a fábrica, o pedreiro, os camponeses – tudo num estilo próprio, cores adequadas e um grande amor a tudo que ele vê ou participa. E dá uma grandeza a esta miudeza toda, dá-lhe uma dimensão especial, uma estatura humana valorizada que só a arte quando autêntica e pura pode descobrir e mostrar.



1967

Uma das constantes da obra do pintor são as mulheres. Líricas, marginalizadas, vencidas, perplexas, na labuta, jovens em flor ou mendigando, mas nunca eroticamente, nunca a mulher-pasto-erótico-dos-homens. A mulher, assim como os meninos, é o ser fraco que apresenta melhor os embates e contradições da nossa sociedade, é a grande vítima e, por isso, em seus contornos desfigurados, contorcidos ou deformados mostram justamente aquelas contradições e injustiças na sua máxima força de denúncia. Às vezes o lirismo suplanta a crítica social e apresenta-nos moças esteticamente compostas e ingenuamente aguardando a vida.

Mas os seus personagens têm os olhos abertos para a realidade e a enfrentam, não importando quão adversas são as condições, às vezes até com raiva como a *Mulher e a Favela* e a *Mulher de Pensão*.

Em 1964 e 1965 Hólvio Fantato atravessa uma fase de aprimoramento técrico quando faz quadros abstratos, experiência nova de cromatismo e de técnica. A espátula é usada em largas e generosas passadas em composições intuitivamente equilibradas e ricas sugestões do real. Posteriormente volta aos seus temas de sempre, mas agora mais seguro dos meios à sua disposição: as cores e as formas se libertam e adquirem maior expressão e riqueza. Volta aos seus temas mais constantes e mais sentidos: a solidão, a angústia, os meninos, o parque de diversão, o vendedor de pirulitos, o circo, os peões de boiadeiro, os mendigos, a mulher grávida a quem só sobrou um osso, enfim todo o mundo real e mágico que o artista soube criar.

(Suplemento Cultural do Correio Católico nº 12, Uberaba, 7 dezembro 1968 – revista Convergência nº 3, Uberaba, 1972)

VALEP ESTARÁ PRODUZINDO EM UBERABA EM 1978

Entrevista de Paulo Lima

Lavoura e Comércio procurou, na tarde de ontem, entrar em contato com o superintendente geral de finanças da Cia. Vale do Rio Doce para obter informações precisas sobre implantação em nosso município do projeto VALEP, que resultará em marcantes benefícios econômicos para o país, o Estado de Minas Gerais e os municípios de Tapira e Uberaba. É superintendente geral de finanças da VALEP o sr. dr. Paulo de Sousa Lima, economista de alta nomeada, que aqui residiu durante muitos anos, técnico altamente gabaritado.

EM 1978 A VALEP ESTARÁ PRODUZINDO EM UBERABA.

Atendendo-nos de maneira solícita, o dr. Paulo de Sousa Lima, inteirado do nosso objetivo, colocou-nos à vontade para formularmos as perguntas que desejássemos. De início, confirmou-nos a escolha de Uberaba para a implantação do projeto VALEP, dizendo-nos:

- Uberaba está de parabéns com a conquista da importante indústria a ser instalada brevemente. Uberaba foi escolhida pelas facilidades locacionais. O local natural seria Araxá, mas em face de lá existir a Arafértil, que praticamente esgota todas as possibilidades de aproveitamento de

infraestrutura, como escolas secundárias, superiores, hospitais, oficinas mecânicas, etc., o que obrigaria a construção de tais infraestruturas, Uberaba despontou como o município ideal, já que conta com extraordinários elementos de progresso, satisfazendo inteiramente aos quesitos indispensáveis para a implantação daquele projeto. Uberaba, pela sua estupenda situação, localizada entre o porto de Santos e Goiás, dispendo de rodovias e ferrovias, entroncamento que é desses ramos de transporte, surge como localização estratégica adequada para sediar a Valep.

O projeto geral de um mineroduto para atingir Uberaba já está em estudos e as despesas previstas não são consideradas aumento exagerado do custo.

Podemos adiantar que para a implantação do projeto Valep em Araxá, teríamos que entrar fazendo toda a infraestrutura, o que tornaria o empreendimento super dispendioso, custo absurdo. Em Uberaba já encontramos quase tudo pronto em termos de infraestrutura. Quase tudo, dizemos, porque obviamente, para a operação do empreendimento, algumas obras de infraestrutura urbana e social na região deverão ser levantadas.

Indagamos do sr. Paulo de Sousa Lima quando deverá estar produzindo a Valep.

Respondeu-nos:

- O projeto Valep está em andamento. Não existe o problema tecnológico nem financeiro para a Cia. Vale do Rio Doce atacar o empreendimento.

Tudo está dependendo apenas do cronograma de instalação da mineração. O teste da produção já foi feito na Valefértil. Tudo agora é questão de tempo. Acreditamos que em 1978, a VALEP já estará produzindo em Uberaba. Como se trata de um projeto para imediata capitalização, de vez que o Brasil necessita urgentemente de substituir o fosfato importado pelo produto nacional, não vemos obstáculo para adiar por mais tempo a sua implantação.

O que é a VALEP?

- A VALEP destina-se à transformação do fosfato em matéria prima a ser fornecida para os misturadores, de vez que a Cia. Vale do Rio Doce não entra no ramo de misturadores em suas atividades. Daí podermos afirmar que, com a implantação da Valep na região de Uberaba, abrem-se excelentes perspectivas para a instalação de outras importantes firmas, com investimentos na área de produtos químicos fosfatados e fertilizantes nitrogenados, constituindo um importante polo químico no Estado de Minas Gerais.

A industrialização, pela VALEFÉRTIL, da rocha fosfática produzida pela VALEP permitirá a colocação no mercado de 300 mil toneladas de $P_2 O_5$ sob forma de fertilizantes básicos, o que deverá assegurar o pleno atendimento ao déficit de fertilizantes fosfatados da região Centro-Sul do Brasil.

A finalidade da VALEP é fazer a redução do minério fosfatado, transformando-o em fosfato misturável.

O empreendimento concorrerá para uma significativa substituição de importações, com uma economia anual de divisas da ordem de US\$ 67,5 milhões FOB, além de contribuir marcadamente para o alcance das metas nacionais de autossuficiência na área de insumos básicos.

Revelou-nos o dr. Paulo de Sousa Lima que a maioria das grandes firmas misturadoras de fosfato se encontra no litoral e não seria lógico que o fosfato fosse levado para o litoral e depois retornasse misturado para ser vendido na região onde o minério foi transformado em fosfato misturável. Daí se prever a instalação nesta região, com a implantação da VALEP, de várias firmas misturadoras.

Localização

Informou-nos o dr. Paulo de Sousa Lima que ainda não foi decidida a localização da área do município de Uberaba onde será implantado o projeto VALEP. No entanto, adiantou, que a região preferida e quase certa é a de Delta, às margens do rio Grande. Justifica-se a escolha: água em abundância, estrada de ferro e rodovia servindo com precisão à área, vizinha do Estado de São Paulo, além de distar menos de 35 quilômetros da cidade de Uberaba, da qual serão aproveitadas as infraestruturas urbana e social.

Satisfeitos com as informações iniciais prestadas pelo nosso ilustre amigo dr. Paulo de Sousa Lima, superintendente geral de finanças da Cia. Vale do Rio Doce, agradecemos-lhe a atenção que nos dispensou, na certeza de que, brevemente, estaremos

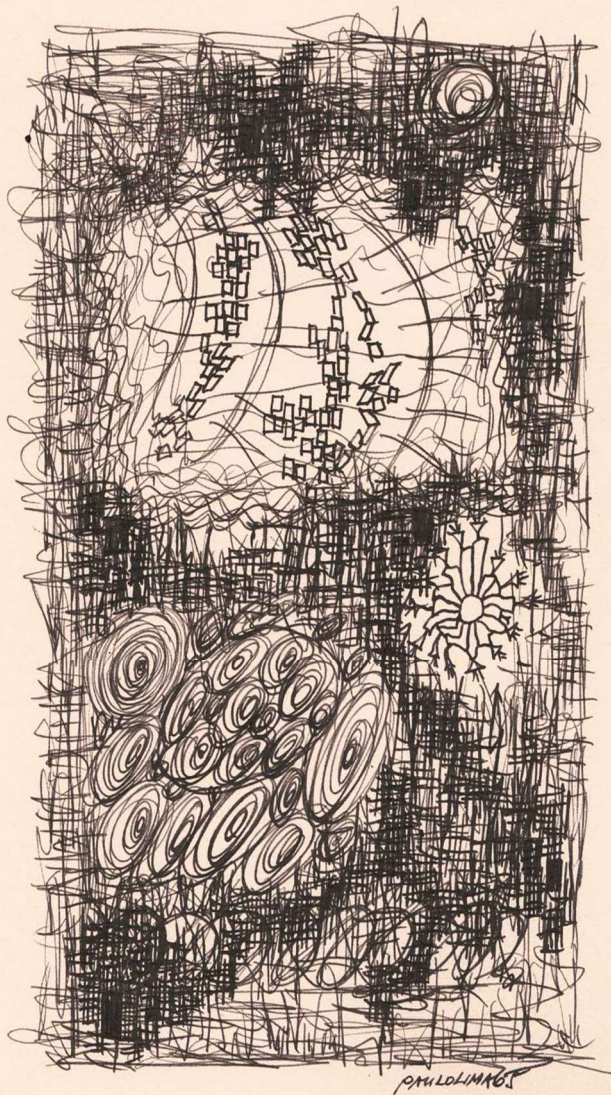
novamente em contato para notícias ainda mais detalhadas a respeito da mais extraordinária conquista de Uberaba no campo industrial.

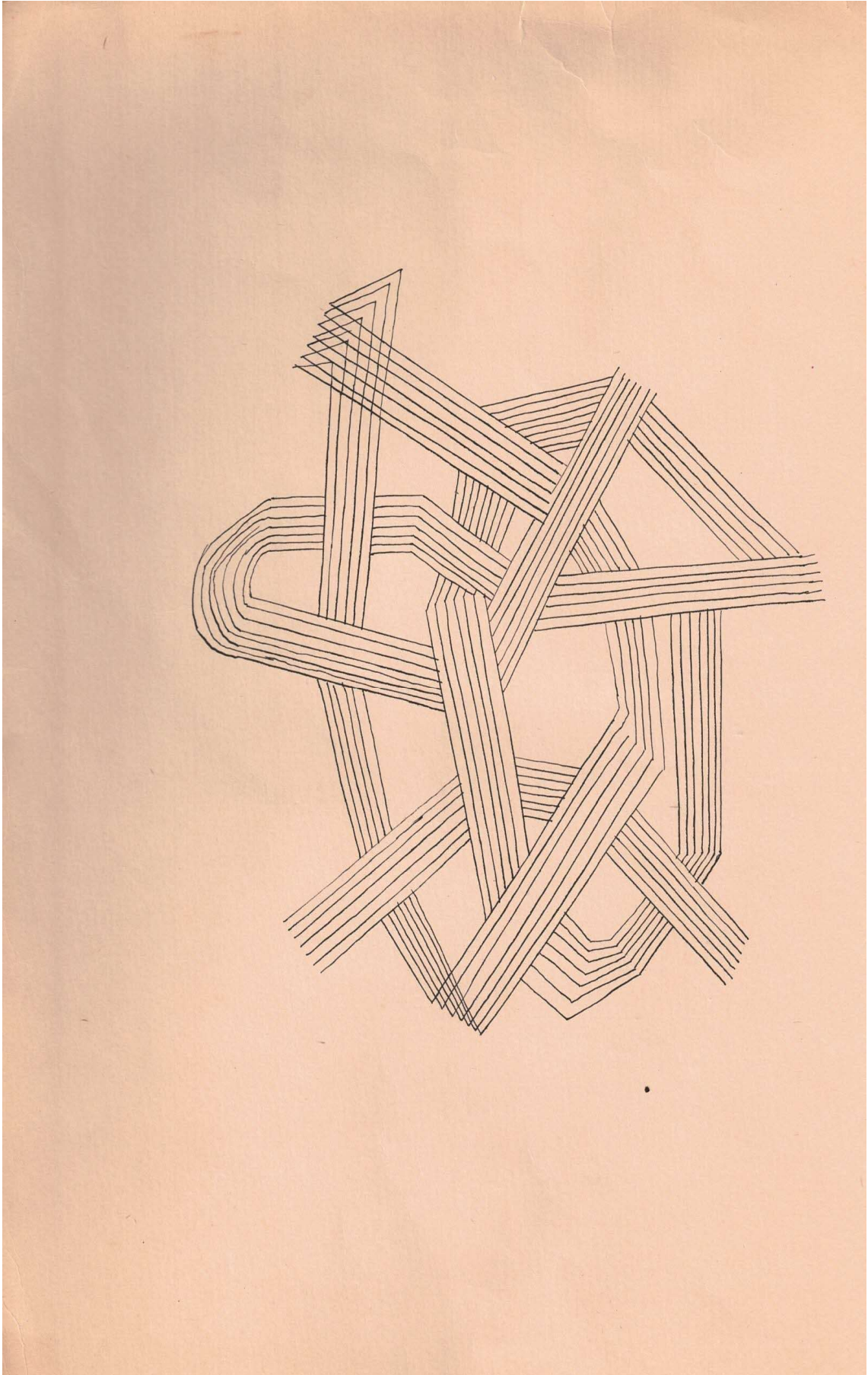
(Lavoura e Comércio, Uberaba, 21 outubro 1975)

VISUAIS E DESENHOS

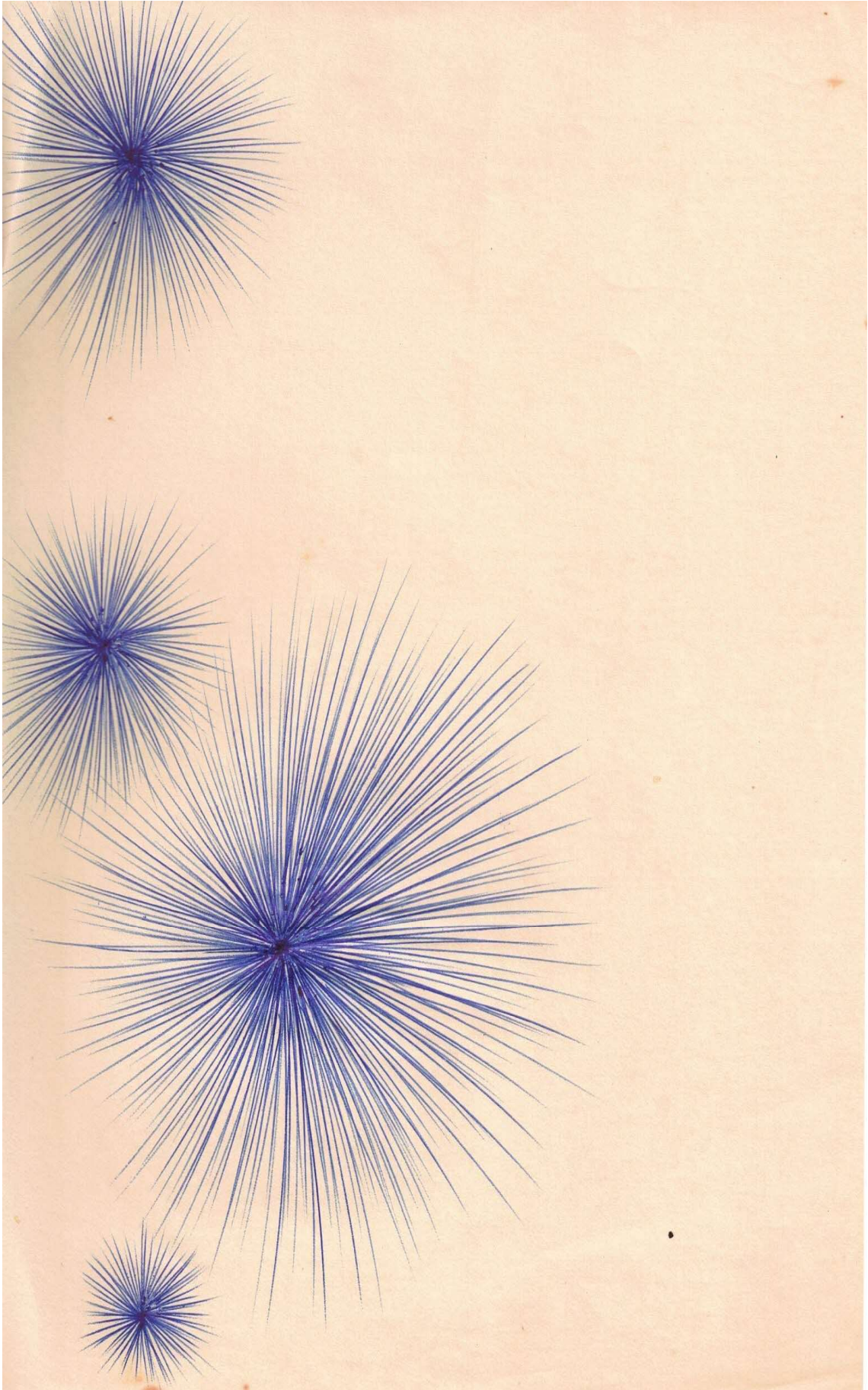


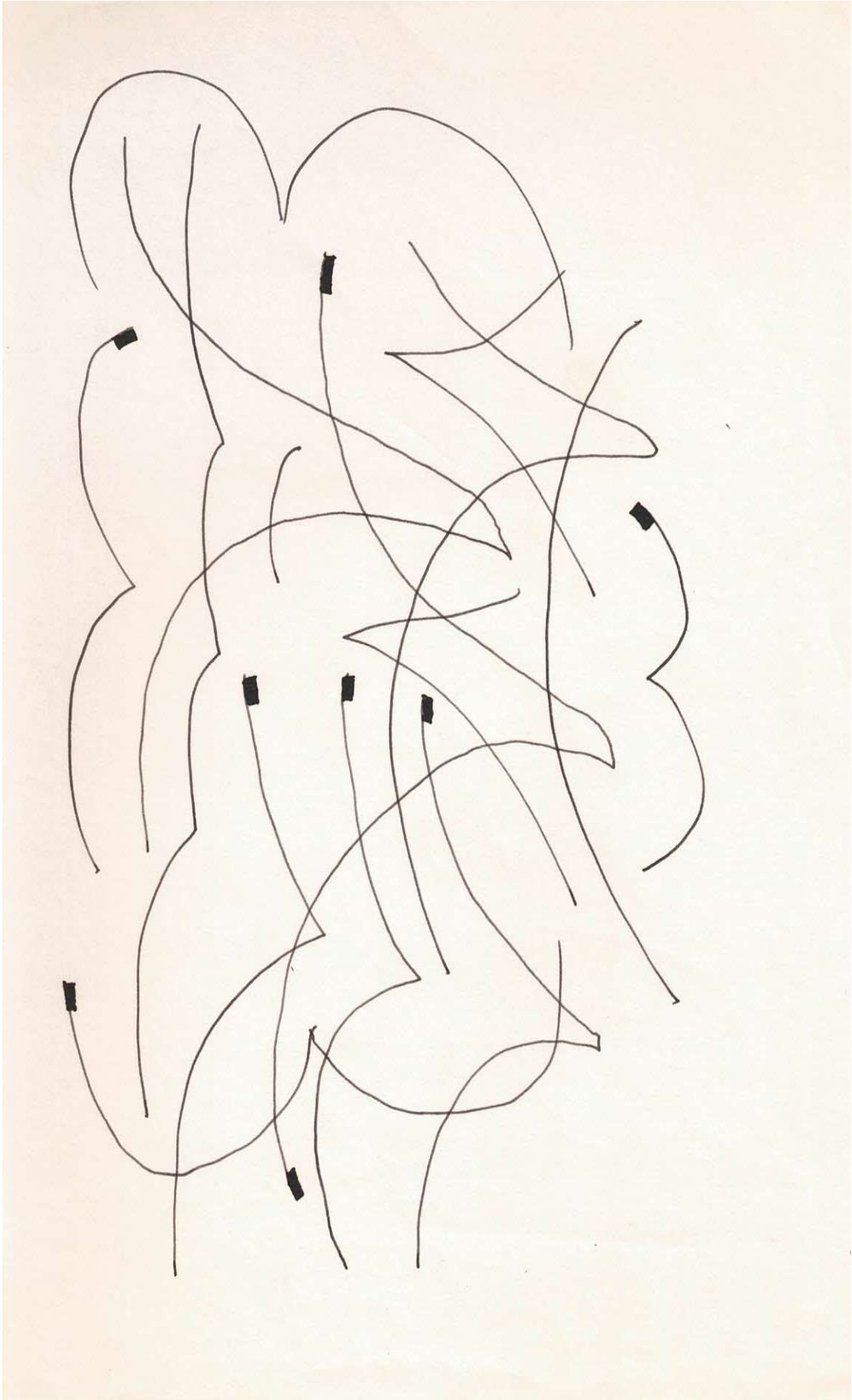




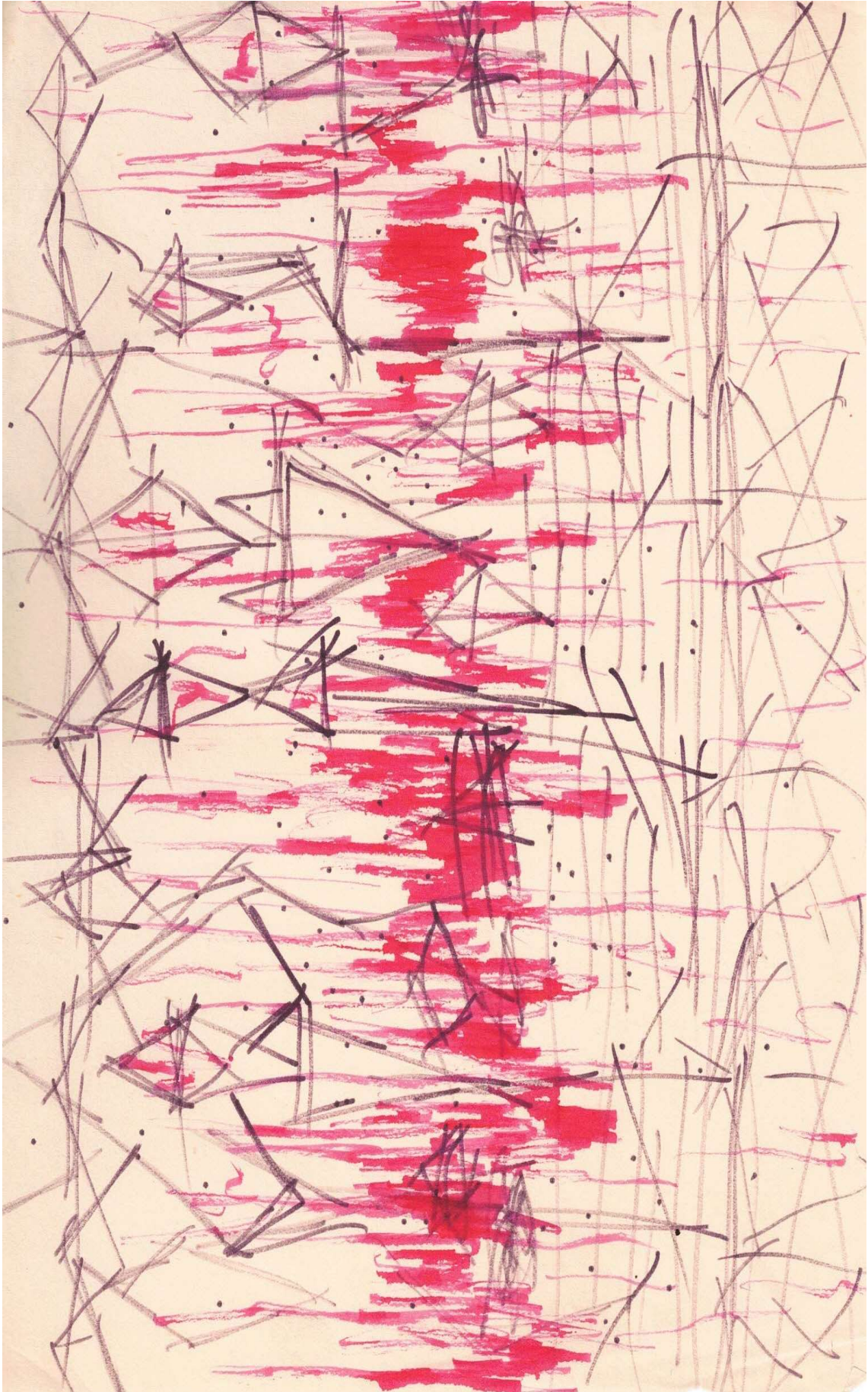


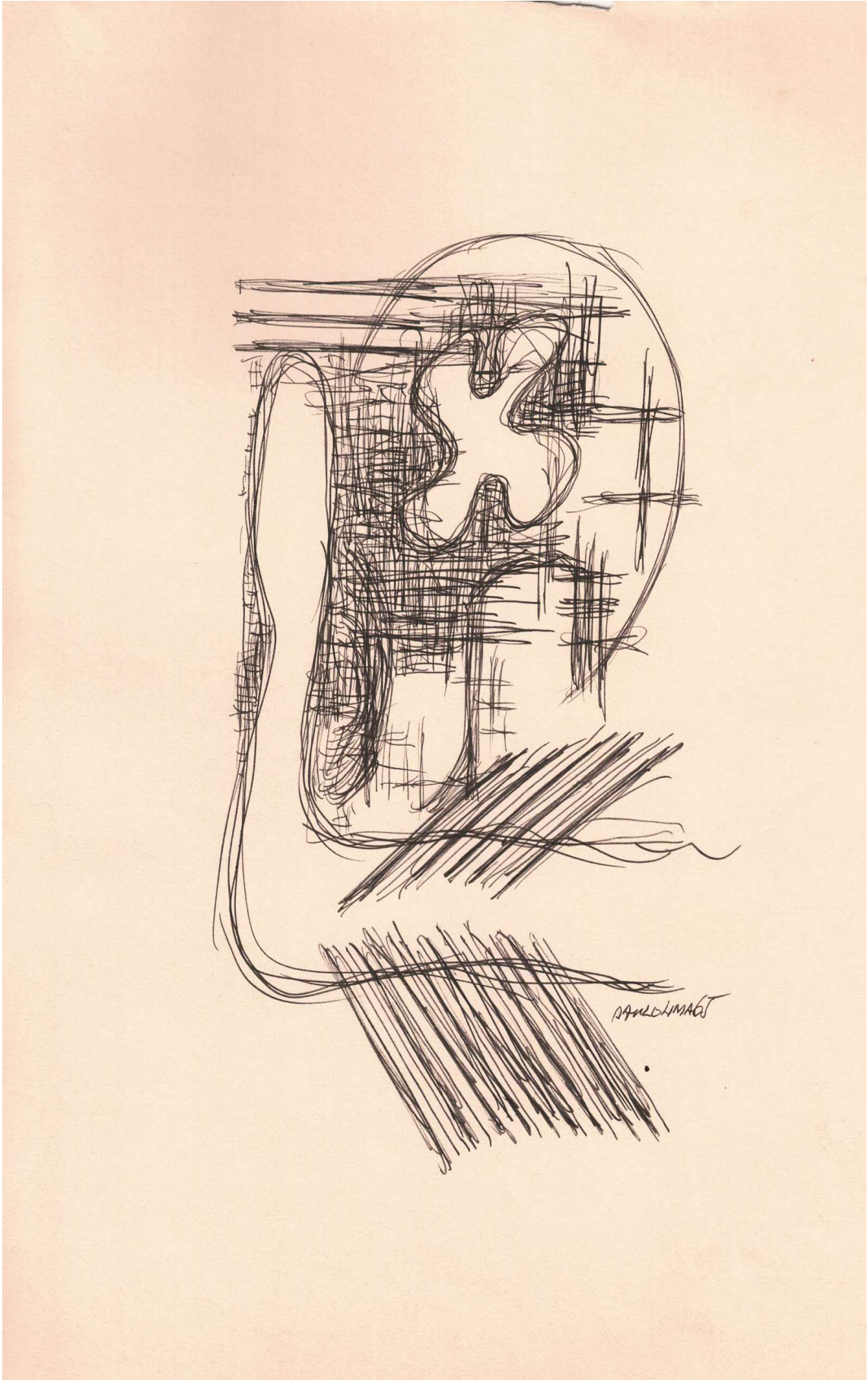


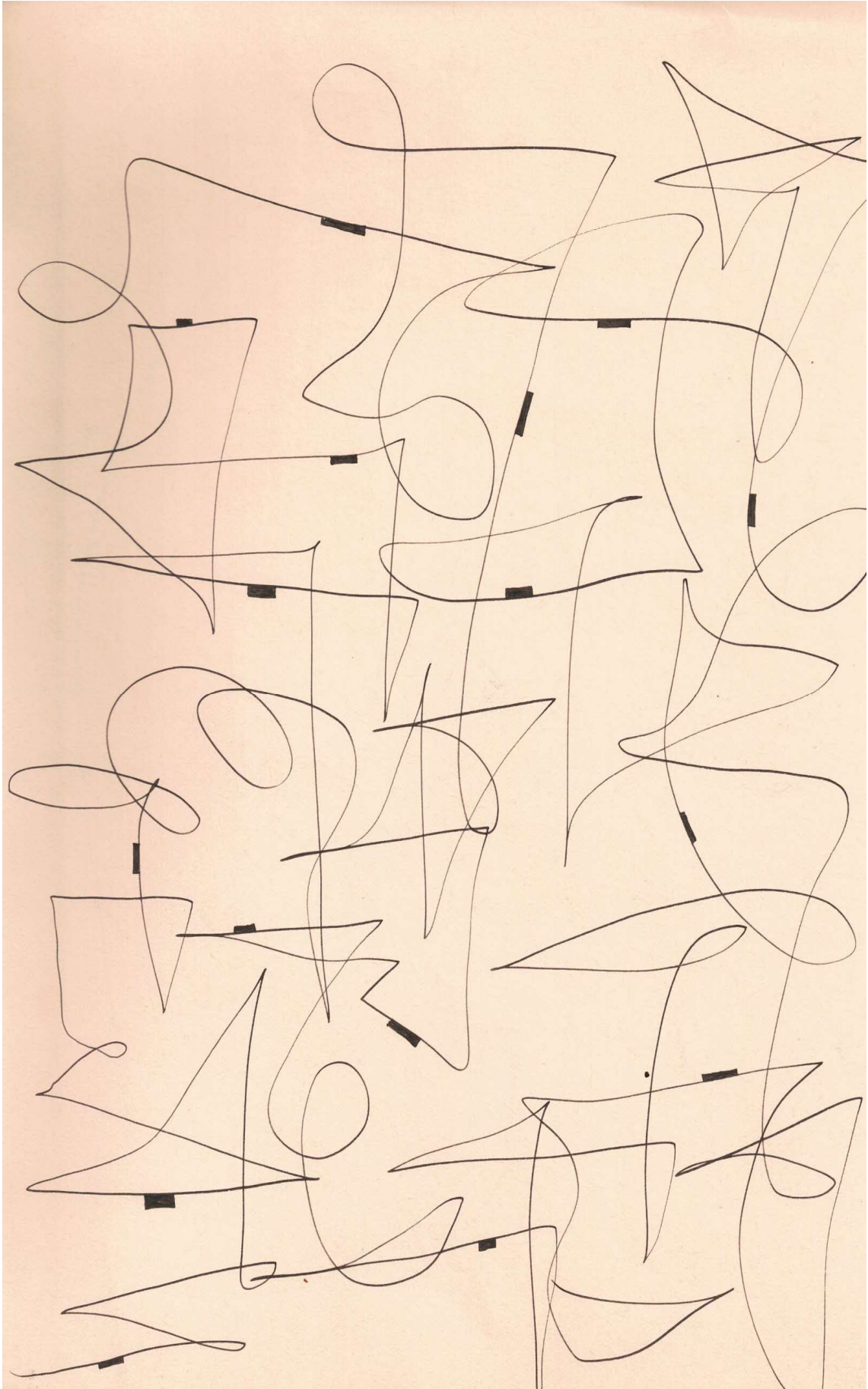


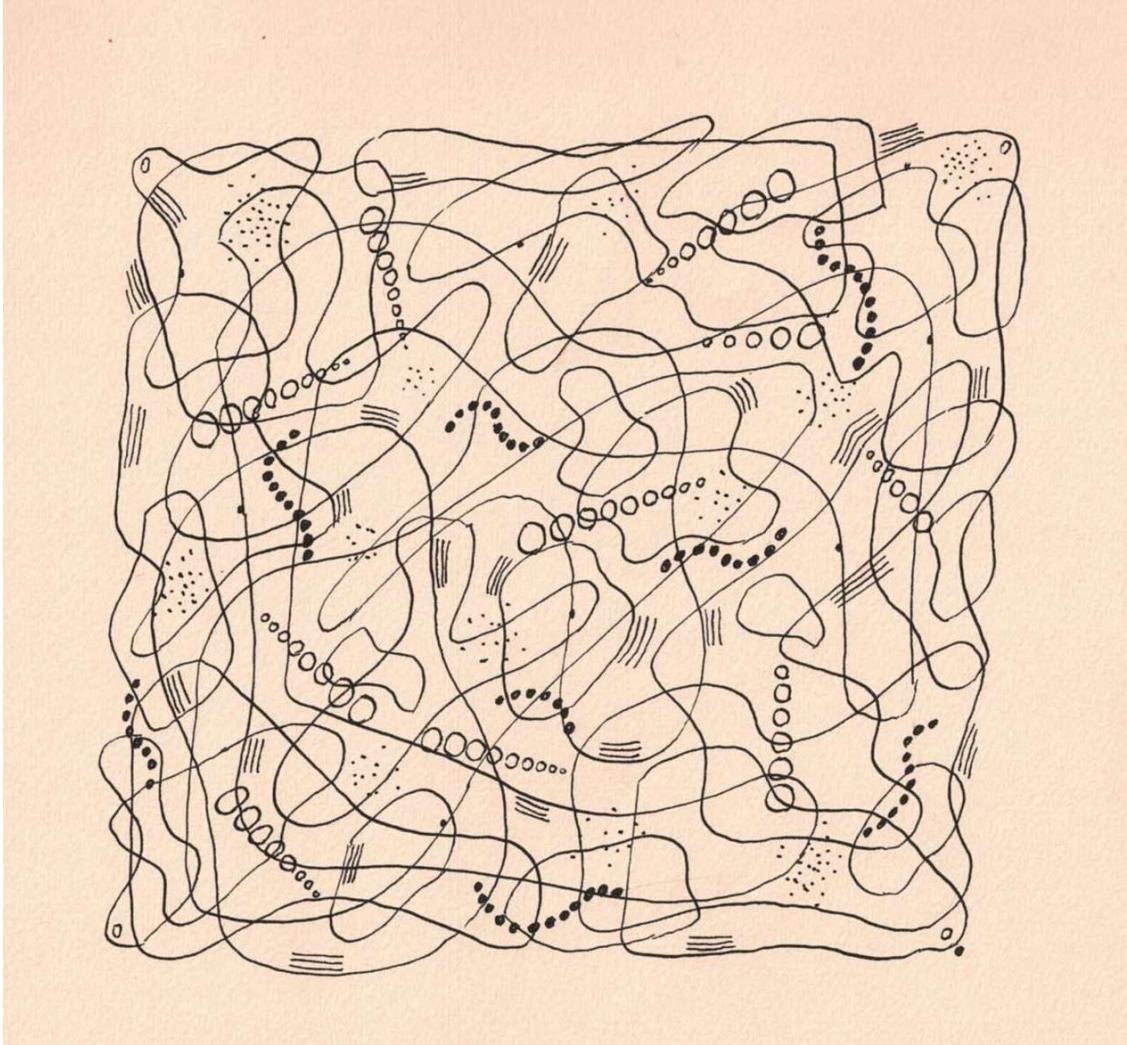


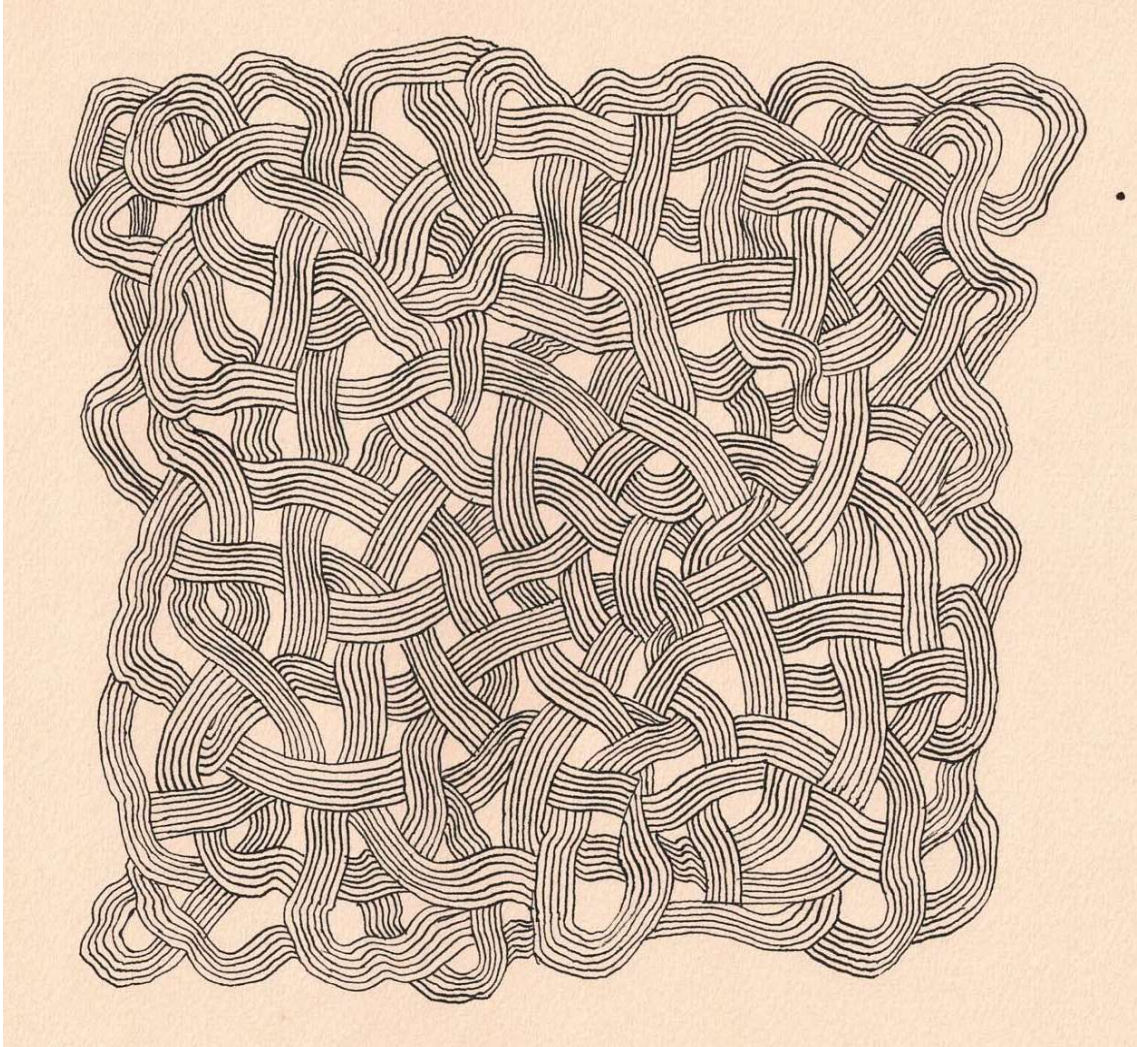


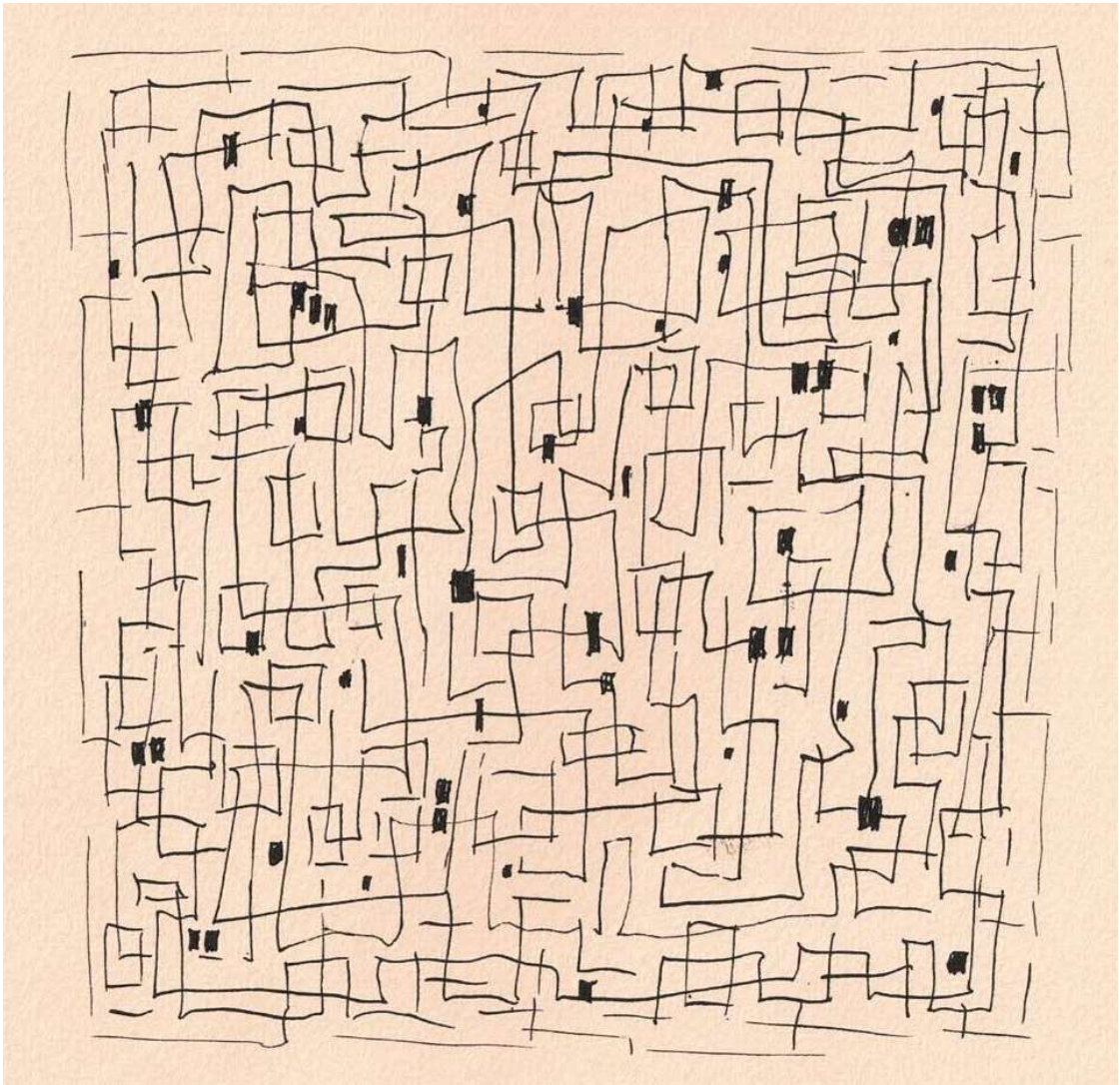


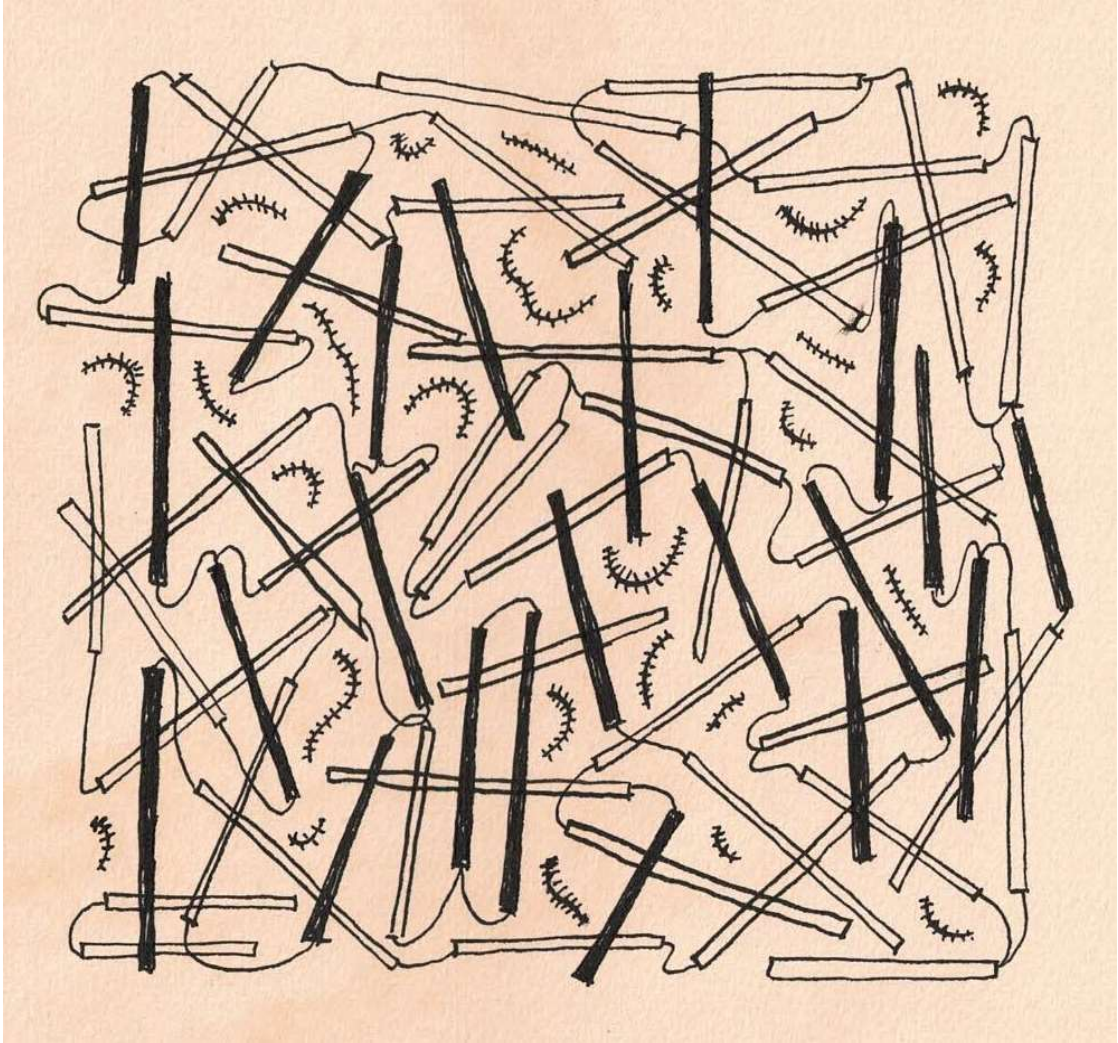


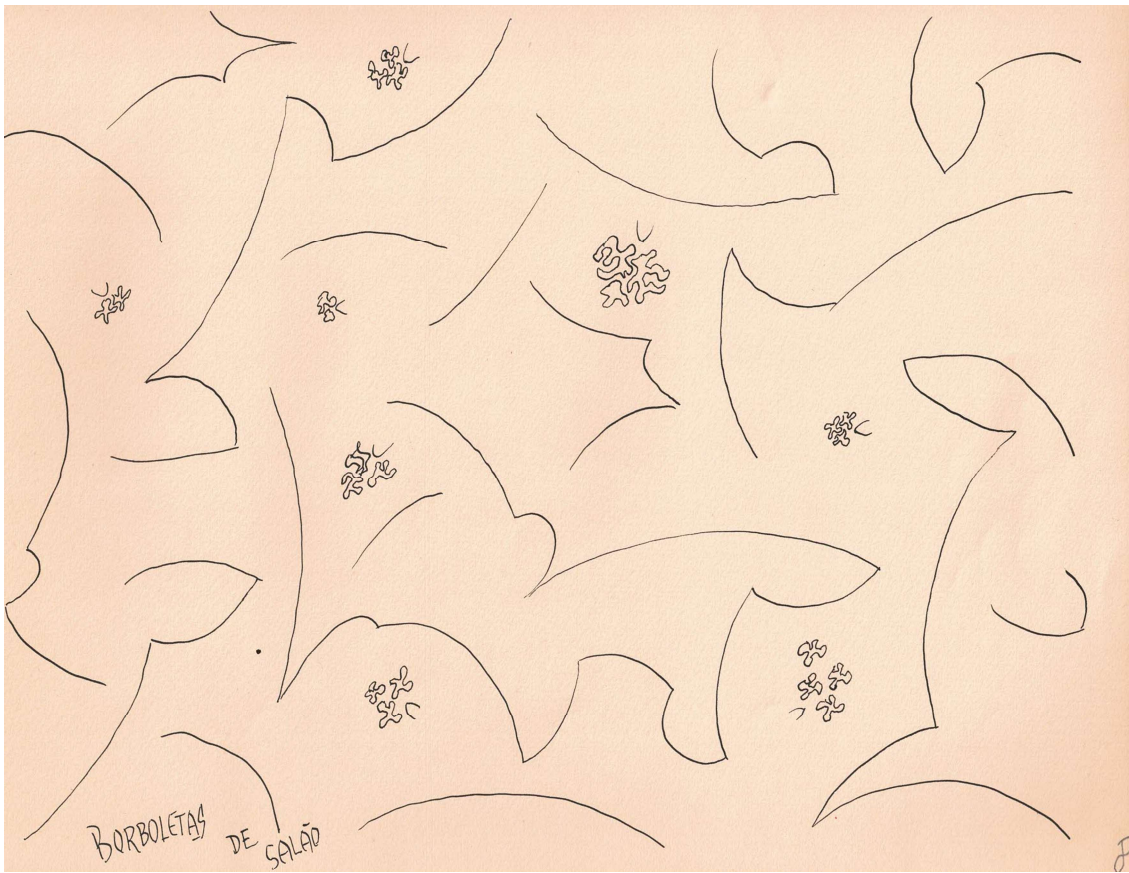




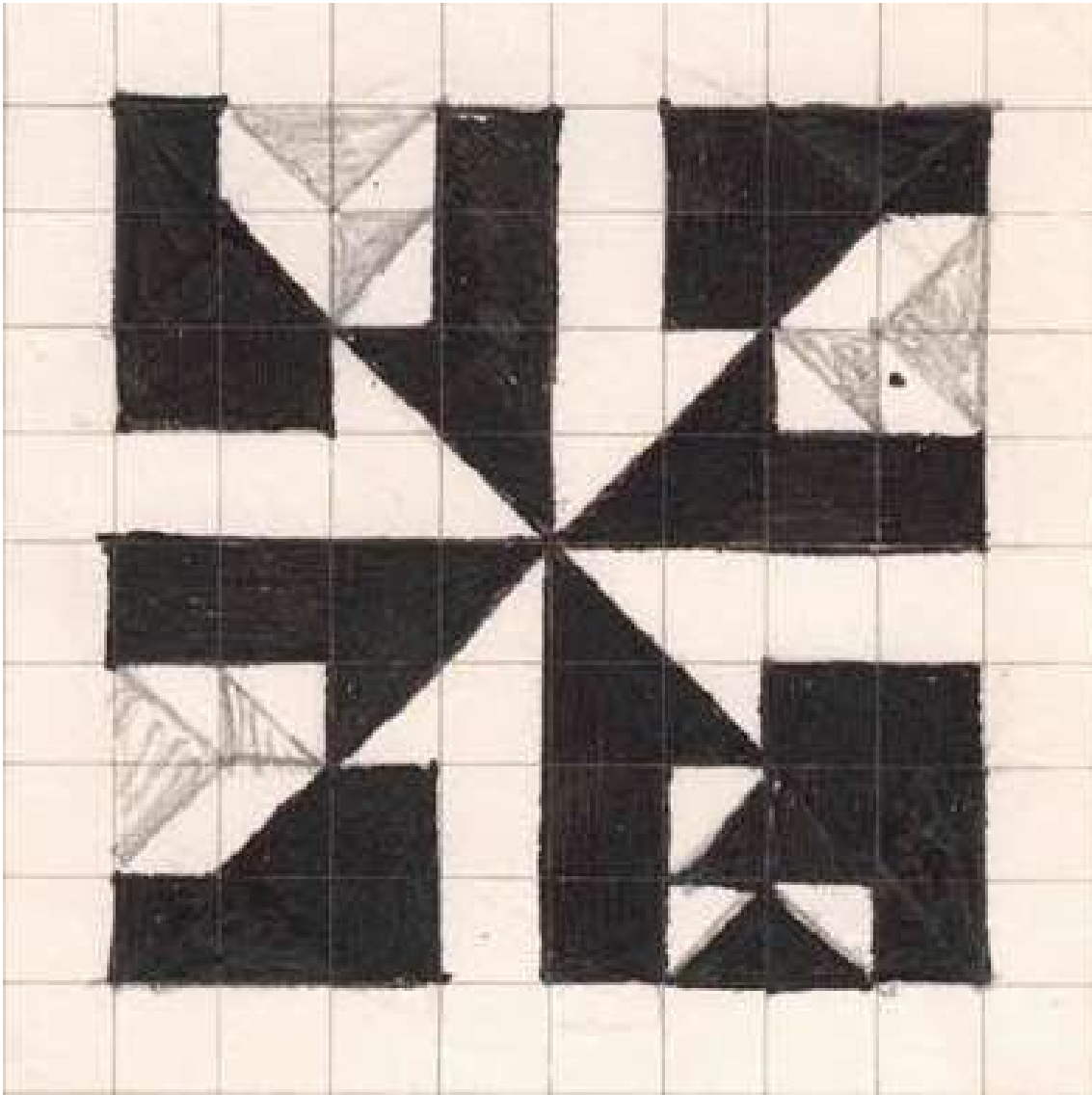


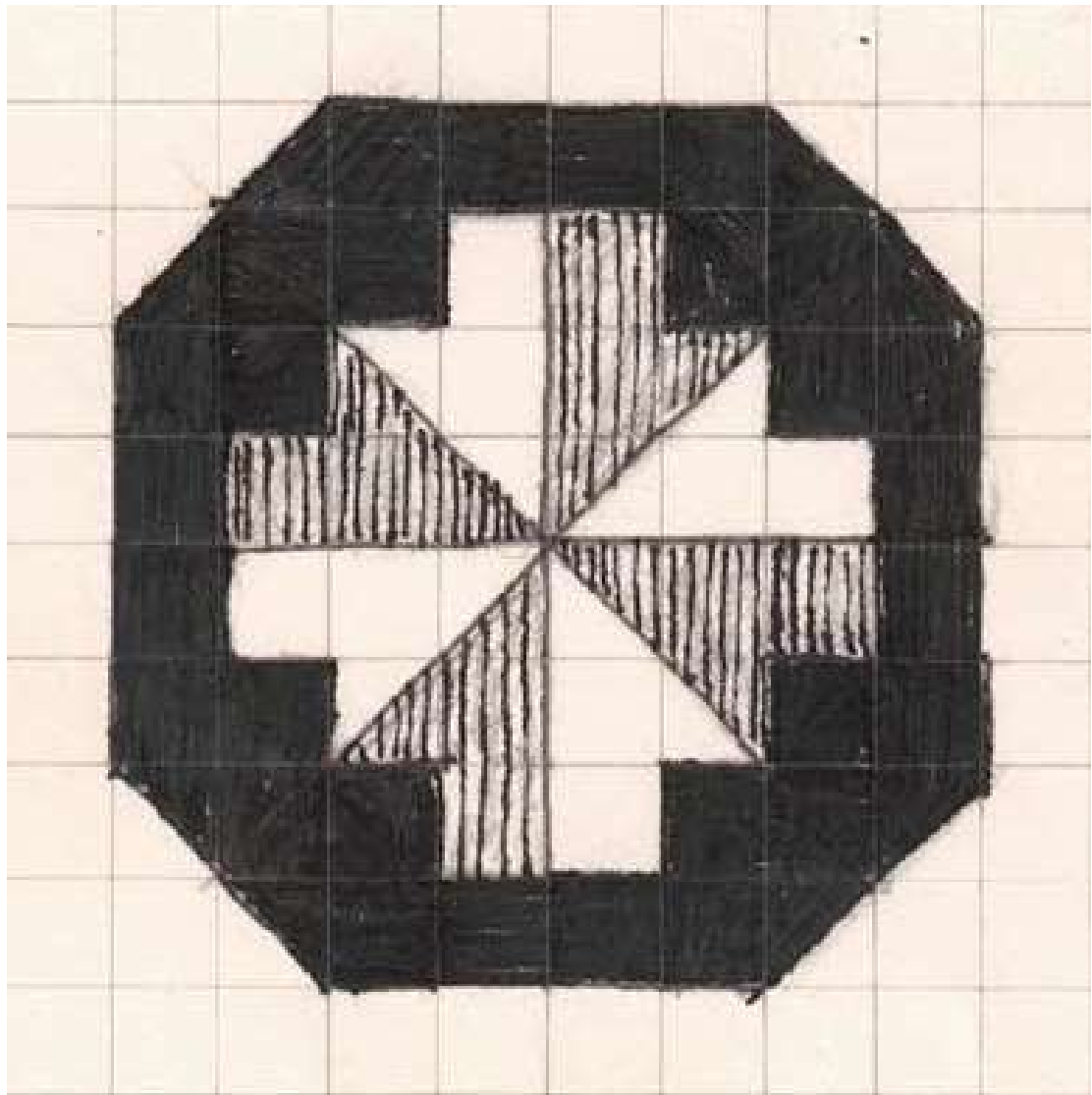


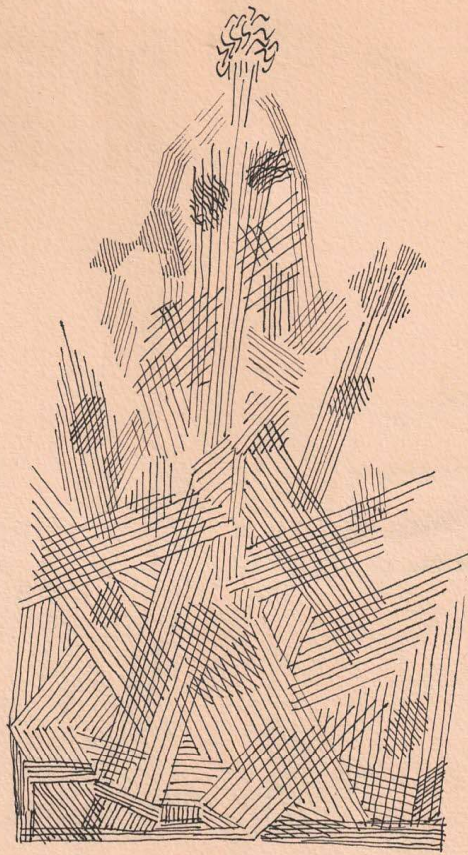


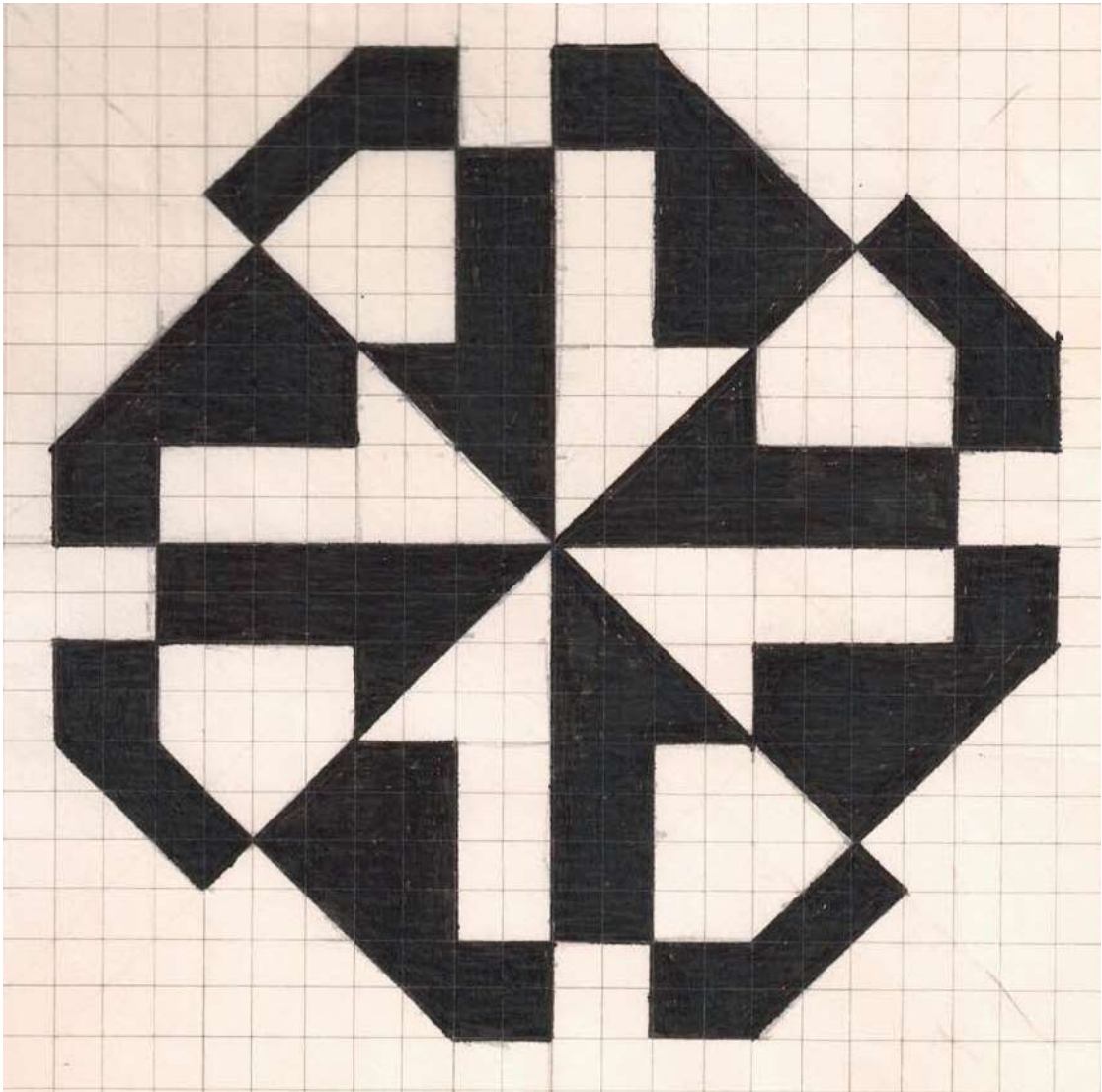


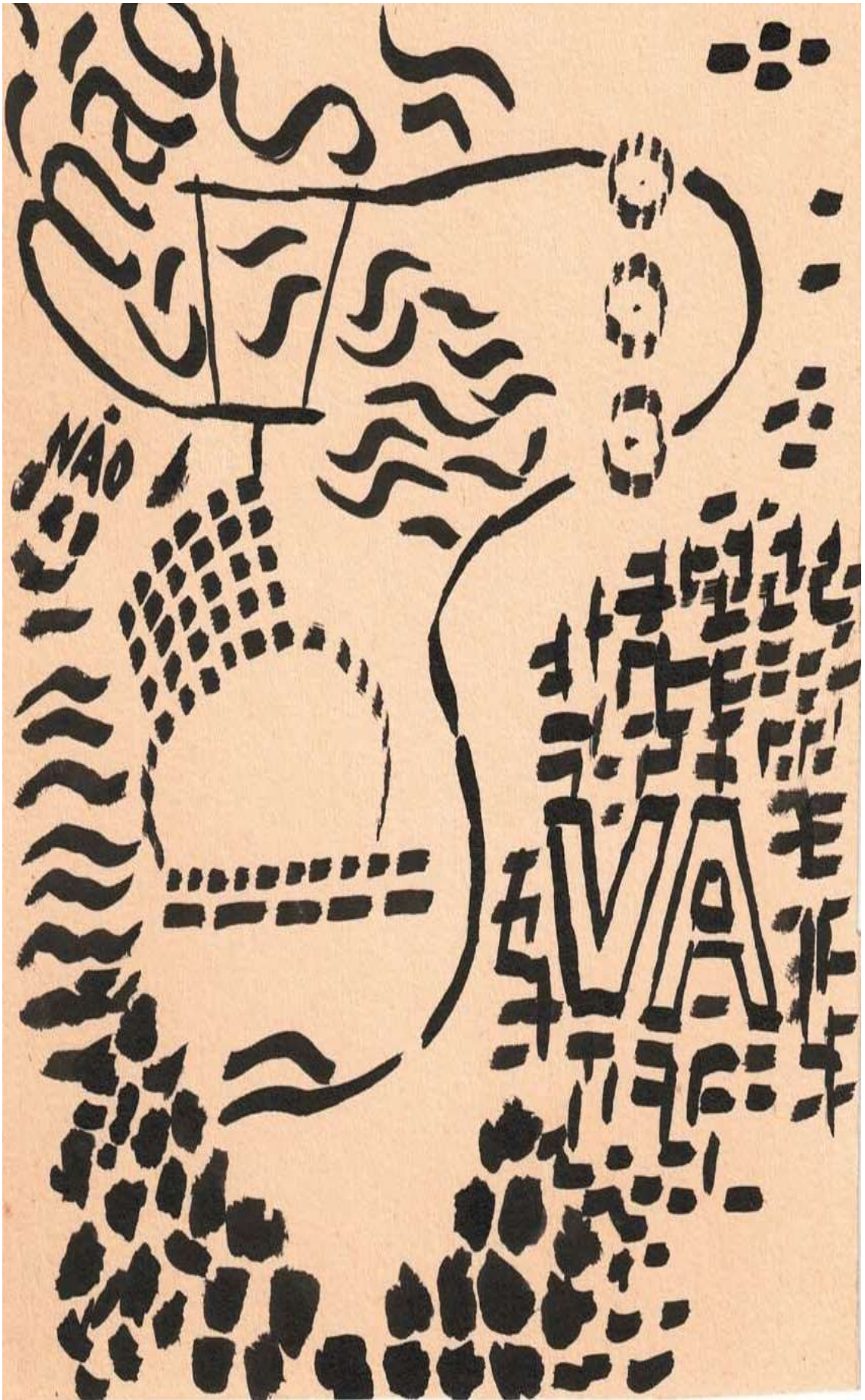












INDICAÇÕES LANÇAMENTOS

ANTÔNIO RONALDO RODRIGUES DA CUNHA
MARTA AMATO

OS RODRIGUES DA CUNHA

A SAGA DE UMA FAMÍLIA

VOL. I - GENEALOGIA E HISTÓRIA
VOL. II - RETRATOS DE VIDA

2º EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA/BRASIL - SETEMBRO 2024

NOS BLOGS:

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com/>

<https://bibliosobreuberaba.wordpress.com/>



BENITO CAPARELLI

ARTIGOS E NOTAS

EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA/BRASIL - OUTUBRO 2024

NOS BLOGS:

<https://autoresuberabenses.blogspot.com/>
<https://autoresuberabenses.wordpress.com/>



NOS BLOGS:

<https://guidobilharinho.blogspot.com/>
<https://guidobilharinho.wordpress.com/>

BLOGS CULTURAIS

BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

60 LIVROS EM 70 VOLUMES EDITADOS
LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL –
TEMAS REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS

<http://guidobilharinho.blogspot.com>

<https://guidobilharinho.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 30/09/24: EE.UU. (11.400) – Brasil (9.770) – Singapura (1.100) – Alemanha (926) – França (550).

DIMENSÃO

Revista Internacional de Poesia (1980 a 2000)

Coleção Completa - 635 poetas de 31 países

Índices Onomásticos - Repercussão da Revista

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br>

<https://revistadimensao.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 30/09/24: EE.UU. (2.920) – Brasil (2.160) – Singapura (314) – Portugal (185) – Alemanha (168) – Rússia (113).

PRIMAX - Revista de Arte e Cultura

Edições em Português, Inglês e Espanhol

<https://revistaprimax.blogspot.com>

<https://revistaprimax.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 30/09/24: EE.UU. (7.910) – Brasil (2.850) – Países Baixos (1.290) - Finlândia (1.030) – França (886) – Austrália (649).

NEXOS - Revista de Estudos Regionais

<https://revistaregionalnexus.blogspot.com>

<https://revistaregionalnexus.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 30/09/24: EE.UU. (2.860) – Brasil (965) – Alemanha (193) – França (112) – Países Baixos (77) – Singapura (75).

SILFO - Revista de Autores Uberabenses

<https://revistasilfo.blogspot.com>

<https://revistasilfo.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 30/09/24: EE.UU. (2.340) – Brasil (626) – Reino Unido (358) – Alemanha (223) – Países Baixos (218) – Finlândia (215).

BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

**FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO -
HISTÓRIA - ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO
MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE - SISTEMA FLUVIAL -
TEATRO – BIBLIOGRAFIA**

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

<https://bibliosobreuberaba.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 30/09/24: Brasil (5.400) – EE.UU. (3.910) – Singapura (562) – Alemanha (337) – França (334) – Romênia (195).

AUTORES UBERABENSES

13 Livros Publicados

POESIA – BIOGRAFIA – ARTIGOS –
ENSAIOS – TEATRO

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

<https://autoresuberabenses.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 30/09/24: EE.UU. (788) – Brasil (731) – Alemanha (158) – França (59) – Singapura (53).

DIÁRIO DE UBERABA

de Marcelo Prata

Dezoito Volumes Editados (1500-2018)

<https://diariouberabense.blogspot.com>

<https://diariodeuberaba.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 30/09/24: Brasil (1.280) – EE.UU. (1.010) – Alemanha (159) – França (60) – Reino Unido (43).

A FLAMA

Jornal Estudantil do Internato
do Colégio Pedro II

<https://jornalaflama.blogspot.com>

<https://jornalaflama.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 30/09/24: Brasil (149) - EE.UU. (84) – Alemanha (18) – Austrália (16) – França (10).